UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru

Faculdade de Ciências

DEF Departamento de Educação Física

ANDRÉ LUIS DOS SANTOS ANSELMO

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INÍCIO DE CARREIRA

BAURU

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Bauru

Faculdade de Ciências

Departamento de Educação Física

ANDRÉ LUIS DOS SANTOS ANSELMO

PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM ÍNICIO DE CARREIRA

Orientadora: PROF.ª DR.ª FERNANDA ROSSI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Campus de Bauru, para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

BAURU

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as conquistas que tem proporcionado, pois sei que é Ele quem me faz superar todas as dificuldades, medos e inseguranças que atravessam meu caminho.

Aos meus pais, Ivete e Mario, os quais considero as duas melhores pessoas do mundo, pois além de construírem todos os valores fundamentais em minha vida, mostraram-me que o amor e o carinho são a base de tudo, o suficiente para ser feliz.

Ao meu irmão, Thiago, que mesmo sem perceber é meu exemplo, e busco seguir seus passos todos os dias.

À minha namorada e futura esposa, Sabrina, amiga e companheira, que compartilha todas as minhas conquistas e planos para o futuro, que me incentiva, consola, ajuda, por confiar e me fazer confiar em meu potencial, fazendo-me muito feliz todos os dias.

À minha família que esteve presente, incentivando-me e acreditando em minha capacidade, principalmente a minha tia, Ivanete, que se propôs a ajudar durante todo o trabalho. Agradeço muito sua ajuda.

Aos professores que aceitaram participar da pesquisa. Sabemos como é exaustiva a rotina dos docentes, e, ainda assim, abriram mão do pouco tempo disponível para ajudar um futuro colega de profissão em sua jornada.

Um agradecimento especial à minha orientadora Profa. Dra. Fernanda Rossi, pelo incentivo, compreensão e apoio durante todo o desenvolvimento do trabalho, estando sempre à disposição nos momentos de dúvidas. Sem ela, nada disso seria possível.

A todos os professores da universidade, que, além de proporcionarem os conhecimentos necessários para a carreira, fizeram-me refletir sobre a vida, colaborando com minha formação pessoal.

"Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda"

(Mario Sergio Cortella)

RESUMO

A presente proposta de pesquisa surgiu após identificar, informalmente, que alguns profissionais formados em licenciatura em Educação Física, abdicaram da carreira docente em sua fase inicial. Deste modo, esta pesquisa insere-se no âmbito das investigações sobre o ingresso na carreira docente e as motivações para permanecer na área educacional. Justifica-se esse tema pelo alto número de profissionais que, depois de formados, abdicam da profissão para seguir outros caminhos, muitas vezes pela falta de preparo para enfrentar as dificuldades desse período. O objetivo do estudo consistiu em analisar as percepções de professores de Educação Física recém-formados e em início de carreira em relação a: ser professor de Educação Física; relevância da disciplina no contexto escolar; visão da sociedade sobre a área; formação acadêmica e atuação docente; as implicações de tais percepções na motivação em permanecer na carreira docente em Educação Física. A metodologia utilizada fundamentou-se na abordagem qualitativa, com coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, com questões pessoais e de contexto sócio-profissionais. Participaram da pesquisa oito professores de Educação Física com até sete anos de formação e cinco anos de atuação docente na educação básica. Os relatos foram documentados e analisados em diálogo com a literatura. Constatou-se que os docentes, nessa fase inicial da carreira, não apresentam uma nítida definição sobre as finalidades da Educação Física Escolar, mas julgam ser importante trabalhar todas as dimensões do aluno – afetivo, social, cognitivo e motor. Consideram ser importante trabalhar com a conscientização dos benefícios provenientes da prática de exercícios/atividade física, principalmente em prol da saúde, mas sempre levando em consideração a formação integral do aluno. Acreditam que a formação inicial serve como base para a atuação docente, mas que a reflexão da prática cotidiana e a formação continuada são os principais meios para adquirir as competências necessárias a uma boa atuação. A visão equivocada que a sociedade apresenta sobre as finalidades da Educação Física Escolar desmotiva a maioria dos professores, mas não parece ser um fator decisivo para um possível abandono da carreira, entretanto, tende a ser um motivo que leva ao esgotamento profissional. As principais dificuldades apresentadas no início da carreira estão relacionadas às condições de trabalho oferecidas pelas instituições de ensino (materiais e espaços físicos), a relação conturbada entre professores e alunos em relação à indisciplina/interesse e a baixa oferta de emprego no início da carreira. As motivações em atuar na Educação Física tendem a se sobressair sobre as dificuldades presentes no início da carreira, induzindo a maioria dos docentes a permanecerem na área. Dentre os dados apresentados, a efetivação em concurso público parece ser um divisor de águas entre os profissionais mais motivados e os que já apresentam sinais de desgaste profissional. Concluímos que os professores de Educação Física em início de carreira docente pretendem permanecer na área educacional, mesmo compreendendo as dificuldades presentes neste período do ciclo profissional, pois os aspectos positivos parecem ser mais significativos que as dificuldades apresentadas.

Palavras-chave: Carreira docente. Percepções de professores. Educação Física.

ABSTRACT

The present proposal of research emerged after informally identifying that some professionals graduated in Physical Education degree, abdicated the teaching career in its initial phase. This research is part of the research on the entrance into the teaching career and the motivation to remain in the educational area, it is justified by the high number of professionals who, after graduating, give up the profession to follow other paths, often by the lack of preparation to face the difficulties of this initial phase of the career. The aim of the research was to analyze the perceptions of newly formed and early career Physical Education teachers in relation to: being a Physical Education teacher; relevance of the discipline in the school context; society's view of the area; academic training and teaching performance. To analyze the implications of such perceptions on the motivation to remain in the teaching career in Physical Education. The methodology used presents a qualitative approach, with data collection through semi-structured interviews, with personal and socio-professional contexts. Participated in the research eight Physical Education teachers with up to 7 years of training and 5 years of teaching in basic education.It was found that the teachers in this early stage of the career, do not present a clear definition about the purposes of Physical Education School, but they consider it important to work all the dimensions of the student - affective, social, cognitive and motor.The reports were documented and analyzed according to the understanding of the literature consulted. It was found that the teachers in this early stage of the career, do not present a clear definition about the purposes of Physical Education School, but they consider it important to work all the dimensions of the student - affective, social, cognitive and motor. They consider that it is important to work with the awareness of the benefits derived from the practice of exercises / physical activity, mainly for the health, but always taking into consideration the integral formation of the student. They believe that initial training serves as a basis for teaching, but that reflection of daily practice and continuing education are the main means to acquire the skills necessary for a good performance. The misconception that society presents about the goals of Physical School Education discourages most of the participating teachers, but does not seem to be a decisive factor for a possible abandonment of the career, however, tends to be a reason that leads to professional exhaustion. The main difficulties presented at the beginning of the career are related to the working conditions offered by educational institutions (materials and space), the troubled relationship between teacher and students in relation to indiscipline / interest, and the low supply of employment at the beginning of the career. The motivation to act tends to emphasize the difficulties that occur at the beginning of the career, inducing the majority of the teachers to remain in the area. Among the data presented, the effectiveness in public competition seems to be a watershed between the most motivated professionals and those who already show signs of professional exhaustion. We conclude with the research that the perspectives presented by the Physical Education professionals at the beginning of the teaching career tend to influence them to remain in the area, even understanding the difficulties present in this period of the professional cycle, since the positive aspects seem to be more significant than the difficulties presented.

Keywords: Teaching career. Perceptions of teachers. Physical Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **7**

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL: ENTRE A LEGALIDADE E LEGITIMIDADE **11**

2.1 Finalidades da Educação Física e aspectos legais 11

2.2 Educação Física na contemporaneidade 15

CAPÍTULO III - A PROFISSÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE **18**

3.1 O que é ser professor 18

3.2 Ser professor na atualidade 19

3.3 A desvalorização docente 24

CAPÍTULO IV - CARREIRA DOCENTE E O INÍCIO DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA **26**

4.1 A escolha pela profissão Educação Física e a carreira docente 26

4.2 O início da carreira docente 29

4.3 Sentimentos de profissionais em início de carreira docente 31

4.4 Dificuldades e preocupações no início da carreira 33

4.5 Influências para o abandono ou continuação da carreira 36

CAPÍTULO V - METODOLOGIA **38**

CAPÍTULO VI - PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS SOBRE A CARREIRA DOCENTE **40**

6.1 Significados de ser professor e as dificuldades no início da carreira 40

6.2 A importância da Educação Física na formação dos alunos 43

6.3 Como a sociedade compreende a Educação Física Escolar na ótica dos professores 45

6.4 Perspectivas e motivos para permanecer na profissão docente ou migrar para outras áreas de atuação 48

6.5 Formação acadêmica e relações com a atuação docente 54

CONSIDERAÇÕES FINAIS **58**

REFERÊNCIAS **61**

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) **65**

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA **67**

APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES… **68**

INTRODUÇÃO

A motivação para a presente proposta de pesquisa surgiu após identificar, informalmente, que algumas pessoas formadas em licenciatura em Educação Física, logo no início da profissão abdicaram da carreira docente, o que culminou em questionamentos sobre essa fase ou estágio que os profissionais da educação enfrentam, ou seja, o momento de iniciação à carreira.

Dentre os estudos que abordam as fases ou estágios da carreira docente, identificando que os profissionais passam por situações compatíveis em determinados momentos de sua vida profissional, destacam-se: Barone et al. (1996); Gonçalves (1995, 2009); Huberman (1992, 1995, 2000); Betti e Mizukami (1997); Nascimento e Graça (1998); Stroot (1996); Farias et al. (2008); Folle et al. (2009); Rossi e Hunger (2012), entre outros estudos. Tais autores caracterizaram o desenvolvimento profissional de docentes, classificando o desenvolvimento da carreira do professor em ciclos ou estágios, cujas nomenclaturas variam de acordo com o autor.

Os estudos sobre a carreira profissional permitem analisar as experiências e perspectivas de pessoas de diferentes profissões e, no caso do campo da educação, estudar o percurso de organização da vida das pessoas, como elas influenciam a organização escolar e como são influenciadas por ela (HUBERMAN, 2000). Um professor, durante sua carreira docente, tem diversas experiências relacionadas ao ato de ensinar conforme seu tempo de formação e/ou funções desempenhadas. O desenvolvimento profissional e pessoal gera mudanças no comportamento dos docentes (GONÇALVES, 2009) e essas mudanças que ocorrem em determinados períodos, quando compatíveis com a história de outros docentes, podem ser estudadas e analisadas, contribuindo com reflexões para a formação de futuros docentes (BETTI; MIZUKAMI, 1997).

Ressaltando a importância de estudar e investigar a carreira docente, Folle et al. (2009) acreditam que analisando as experiências de vida, tanto pessoal como profissional, dos professores de Educação Física, podemos compreender melhor a profissão, refletindo e nos aprofundando sobre os diferentes momentos que esses especialistas vivenciam a carreira docente.

Entretanto, é relevante destacar o fato de a carreira docente ser construída socialmente e, por isso, dependente das relações estabelecidas com outros sujeitos e com o mundo. O homem é um ser social e as mudanças que ocorrem em sua vida estão interligadas às relações estabelecidas com outros sujeitos (VIGOTSKI, 1988). De modo semelhante, a carreira

docente também depende da interação cultural, social e histórica, e, portanto, apresenta suas singularidades.

O início da docência é considerado um dos períodos críticos do ciclo profissional de um professor, no qual o entusiasmo, a experiência da descoberta e o encantamento, ainda que acompanhados de muitas inseguranças (HUBERMAN, 1992), podem ser substituídos por desmotivações iniciais, como os baixos salários, a falta de apoio da direção, a falta de reconhecimento pelo seu trabalho e da sua área, o que pode acarretar em um abandono precoce da profissão (BETTI; MIZUKAMI, 1997).

Esse período inicial do ciclo da carreira docente recebe diferentes denominações e atribuição de duração, dependendo do autor que investiga o tema. Huberman (2000, p. 39), que formulou um dos modelos mais referenciados, define como uma fase de "entrada", o período de 0-3 anos, indicando como um momento de "sobrevivência e descoberta"; o primeiro por ser um momento de "choque" de realidades, em que o docente se depara com a dificuldade para trabalhar no cotidiano o que é planejado; e o segundo, o da "descoberta", por finalmente se tornar um profissional, com responsabilidades e deveres, momento em que o egresso finalmente assume uma sala de aula.

Assim como Huberman (2000), Cavaco (1999) caracteriza o início da carreira docente como uma fase de sobrevivência, na qual o professor enfrenta a insegurança e a instabilidade, mas pontua que a felicidade vem do aceitamento das aventuras, riscos e desafios.

Outros autores apresentam essa fase inicial com diferentes durabilidades e denominações: Gonçalves (1995) nomeia esse período de "Início", sendo que para o autor possui uma durabilidade de 1-4 anos; Stroot (1996) denomina período da "Sobrevivência", com duração de 0-2 anos; Barone et al. (1996) intitula o período de "Novato", de 0-1 ano; Nascimento e Graça (1998) já consideram como período de "Entrada", com duração de 0-3 anos.

Diante dessas considerações, surgem as seguintes indagações: Como o professor de Educação Física recém-formado e em início de carreira se percebe em sua profissão? Como analisa a relevância de sua área? Em sua opinião, qual a visão da sociedade em relação à sua profissão e atuação, e como isto o afeta?

Para responder tais questionamentos, o objetivo geral da pesquisa consistiu em identificar e analisar as percepções de docentes, em fase inicial da carreira, em relação à profissão e atuação escolar, e como tais percepções podem influenciar na permanência ou não na carreira docente na área da Educação Física. Especificamente, propôs-se analisar as percepções de professores de Educação Física recém-formados e em início de carreira, em relação a: ser professor de Educação

Física; a relevância da disciplina no contexto escolar e sua perspectiva em relação à visão da sociedade sobre a área; as implicações de tais percepções na motivação em permanecer ou não na carreira docente em Educação Física.

Espera-se contribuir para a formação de novos professores e egressos, tornando-os mais conscientes dos aspectos que influenciam a atuação inicial na escola, ao refletir sobre os desafios, superações e motivações de um docente em início de carreira, sendo que tais elementos não são exclusividade de um ou outro professor, mas integram a cultura profissional da docência.

Para melhor compreendermos o posicionamento dos professores sobre as questões propostas pela pesquisa, o trabalho apresenta capítulos que tratam de diferentes aspectos da área, abordando desde aspectos legais, como as modificações das leis que regem o ensino da disciplina no ambiente escolar, até as diferenças e mudanças da carreira docente na contemporaneidade.

Buscando contextualizar as diversas visões e finalidades da Educação Física, apresentamos as mudanças que ocorreram na área no decorrer dos anos, com seu início voltado ao militarismo, posteriormente tomando sentido esportivista em busca de jovens talentos para, finalmente, alcançar seu objeto atual que é trabalhar a Cultura Corporal de Movimento.

Com o intuito de aproximar a pesquisa da realidade escolar, investigamos autores que analisam a profissão docente na contemporaneidade, expondo suas visões sobre as competências necessárias para o professor na atualidade. Da mesma forma que a sociedade se modifica, nós educandos devemos acompanhar suas mudanças, objetivando reunir características compatíveis no início da carreira docente, investigamos diversos autores que trabalham com o tema, apresentando as diferentes concepções sobre essa fase inicial.

Posteriormente, apresentamos trabalhos sobre perspectivas de professores de Educação Física em início de carreira, suas motivações, preocupações, dificuldades, influências, entre outros sentimentos dessa fase inicial do ciclo profissional docente, almejando encontrar características compatíveis entre os profissionais pesquisados e os participantes do nosso trabalho.

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa dos dados, os quais foram obtidos por meio de entrevista semiestruturada com oito professores de Educação Física com até sete anos de formação e cinco anos de atuação docente. As entrevistas foram transcritas na integra e, posteriormente, analisadas a luz da literatura.

A entrevista contava com questões pessoais e de contexto sócio profissionais, buscando compreender as perspectivas dos professores que se encontram no início da carreira docente.

Os resultados foram apresentados em cinco categorias de análise: Significado de ser professor e as dificuldades no início da carreira; A importância da Educação Física no contexto escolar; Como a sociedade compreende a Educação Física na ótica dos professores; Percepções e motivos para permanecer na profissão docente ou migrar para outras áreas de atuação; Formação acadêmica e relações com a atuação docente.

Por meio da pesquisa, pretendemos estabelecer os significados atribuídos pelos professores entrevistados em início de carreira, sobre como se percebem em suas profissões, quais suas perspectivas, qual o pensamento da sociedade sobre suas profissões.

CAPÍTULO II - EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL: ENTRE A LEGALIDADE E LEGITIMIDADE

Neste capítulo, abordamos algumas leis propostas para o ensino da Educação Física no país e as modificações que ocorreram conforme o tempo. Posteriormente, apresentamos breve contextualização histórica sobre as finalidades da disciplina e destacamos o posicionamento de alguns autores sobre a Educação Física Escolar na contemporaneidade.

2.1 Finalidades da Educação Física e aspectos legais

O marco histórico para definir o início da Educação Física Escolar brasileira é a Reforma Couto Ferraz, outorgada em 1851. Ela tornou obrigatória a Educação Física nas escolas do município da Corte (BETTI, 1991). Ainda na Era Imperial de nosso país, nos anos de 1876, 1880 e 1882, foram criados e estabelecidos decretos e reformas que ajudaram a consolidar a Educação Física como disciplina escolar obrigatória e efetivamente aplicada, sendo justificada pelos princípios da filosofia "*mens sana in corpore sano*" (mente sã em corpo são), que enaltecia a busca pelo ser humano pleno e perfeito (MARINHO, 1971).

Pouco tempo depois, em 1854, a ginástica tornou-se obrigatória para o primário, enquanto a dança destinava-se ao secundário. Já em 1882, com uma reforma efetuada por Rui Barbosa, foi recomendado que a ginástica se tornasse obrigatória para homens e mulheres, sendo oferecida pelas Escolas Normais. Entretanto, apenas na década de 1920, a Educação Física foi incluída em diversos Estados da federação, nomeada frequentemente por ginástica (BETTI, 1991).

Já por volta da década de 1930, a área passa a assumir uma perspectiva higienista, focando hábitos de higiene e saúde, o físico e a moral são desenvolvidos mediante exercício físico (DARIDO, 2003).

A Era Vargas, mais precisamente o ano de 1937, é considerada como ponto chave do desenvolvimento da Educação Física no Brasil. Marinho (1971) e Betti (1994) destacam que foi o período em que a Educação Física passou a ser tratada de forma específica como área de conhecimento, tendo relação com outras áreas da educação formal.

Tal fato, conforme ressalta Marinho (1971), pode ser confirmado por meio da criação da Divisão de Educação Física, subordinada ao Departamento Nacional de Educação que foi o primeiro órgão governamental com dedicação exclusiva no âmbito nacional para administrar a Educação Física.

Soares et al. (1992, p.53), afirmam que “os profissionais de Educação Física que atuavam nas escolas eram os instrutores formados pelas instituições militares”.

Ainda nesse sentido, Castellani Filho (1994, p.39) discute que a Educação Física nesse contexto tinha suas delimitações notoriamente influenciadas pelos militares e pelos médicos que “auto proclamavam-se a mais competente das categorias profissionais para redefinir os padrões de conduta física, moral e intelectual da nova família brasileira”. No Regime Militar, a Educação Física teve como objetivo principal atender aos interesses do governo.

Sobre a carência teórica da Educação Física nesses dois momentos históricos, Darido (2003, p. 2) afirma que:

> Ambas as concepções higienista e militarista da Educação Física consideravam a Educação Física como disciplina essencialmente prática, não necessitando, portanto, de uma fundamentação teórica que lhe desse suporte. Por isso, não havia distinção evidente entre a Educação Física e a instrução física militar.

Após as duas grandes guerras, o modelo de Dewey foi influenciando a Educação Física no país, indo ao encontro com a escola tradicional, esse movimento prezava pelo desenvolvimento da criança de modo integral, respeitando a personalidade da criança, e focava em um modo de aprender fazendo (DARIDO, 2003, p. 2).

Com a mudança de foco da área, passando a uma valorização do sócio-cultural sobre o biológico, esse modelo alcança seu auge no momento em que o governo militar assume o poder, entretanto, sua finalidade é totalmente investida no esporte, em busca de mais visibilidade esportiva para o país, ao mesmo tempo em que tentava transmitir uma boa imagem política do país (DARIDO, 2003, p.2).

Para Soares et al. (1992), a Educação Física do Brasil teve como maior influência os padrões europeus, com base nos sistemas desportivos da cultura corporal e fez com que as práticas pedagógicas dessa disciplina se concentrassem nos conteúdos esportivos. A consequência do uso desta metodologia foi à chamada pedagogia tecnicista, direcionada aos esportes de alto rendimento, que visavam a formação de atletas de alto nível.

Castellani Filho (1994) entende que essa técnica possibilitava a distração do povo brasileiro, mascarando a realidade nacional, dessa maneira, desviava a atenção da população de questões sócio-políticas.

A disciplina foi oficialmente introduzida no calendário escolar no ano de 1851 por meio da Reforma Couto Ferraz, que reformou o ensino no município da Corte e, dentre as

propostas apresentadas à Assembleia, estava incluída a obrigatoriedade das disciplinas Ginástica e Dança nos ensinos primários e secundários, respectivamente (BETTI, 1991).

A reforma, conforme comenta Soares (1994, p. 71), teve caráter higienista:

> [...] tal característica é explicada porque a Educação Física, particularmente a escolar, privilegia em suas propostas pedagógicas aquela de base anatomofisiológica retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século.

Após a reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB-EN) no ano de 1971 (Lei 5692/71), a obrigatoriedade do ensino de Educação Física foi estendida e alcançou todos os níveis e ramos da escolarização (BRASIL, 1971).

Da leitura do artigo 7° da citada lei, temos:

> **Art.** 7º Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observando quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969.

Com a edição do Decreto n. 69.450/71, foram contempladas algumas exceções em relação à obrigatoriedade na prática da Educação Física:

> Art. 6º – Em qualquer nível de todos os sistemas de ensino, é facultativa a participação nas atividades físicas programadas:
> a) aos alunos do curso noturno que comprovarem, mediante carteira profissional ou funcional, devidamente assinada, exercer emprego remunerado em jornada igual ou superior a seis horas;
> b) aos alunos maiores de trinta anos de idade;
> c) aos alunos que estiverem prestando serviço militar na tropa e
> d) aos alunos amparados pelo Decreto-lei nº 1.044 de 21 de outubro de 1969, mediante laudo do médico assistente do estabelecimento.

Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), houve uma tentativa de incluir a obrigatoriedade da Educação Física no conjunto de disciplinas curriculares.

Da redação do artigo 26, parágrafo 3° da referida norma, temos:

> Artigo 26: Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Ainda segundo Brasil (1996):

> § 3°: A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos. (BRASIL, 1996).

Notamos que há uma redação genérica e não houve garantia da disciplina de Educação Física como matéria obrigatória tampouco como disciplina curricular, sendo que buscou-se superar tal lacuna com a alteração do parágrafo 3°, mediante a Lei 10.328/2001, acrescentando a palavra "obrigatória" ao texto legal (BRASIL, 2001).

Atualmente, a matéria é disciplinada pela Lei 10.793/2003, que deu ao parágrafo 3°, a seguinte redação:

§ 3°: A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: (Redação dada pela Lei n. 10.793, de 1º. 12.2003):

> **I** – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; (Incluído pela Lei n. 10.793, de 1º.12.2003).
> **II** – maior de trinta anos de idade; (Incluído pela Lei n. 10.793, de 1º.12.2003).
> **III** – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; (Incluído pela Lei n. 10.793, de 1º.12.2003).
> **IV** – amparado pelo Decreto-Lei no 1.044, de 21 de outubro de 1969; (Incluído pela Lei n. 10.793, de 1º.12.2003).
> **V** – (VETADO) (Incluído pela Lei n. 10.793, de 1º.12.2003).
> **VI** – que tenha prole. (Incluído pela Lei n. 10.793, de 1º.12.2003) (BRASIL 2003).

É possível perceber como as finalidades e propostas para a área se alteraram conforme as necessidades sócio-políticas do país, principalmente a Educação Física que, até então, não possuía uma fundamentação teórica que a valorizasse como componente curricular nas escolas, não sendo importante para a formação integral do aluno.

2.2 Educação Física na contemporaneidade

Com a valorização do conhecimento científico na década de 80, o modelo de Educação Física esportivista foi muito criticado pelo meio acadêmico. Buscando fundamentações teóricas para a disciplina surgiram vertentes contrárias ao modelo tecnicista, esportivista e biologista, em razão do novo momento histórico-social em que o país se encontrava com o fim da ditadura e a abertura para o conhecimento (DARIDO, 2003, p.3).

Esse momento também foi marcado por inúmeras modificações na Educação Física com objetivo de tornar a disciplina humanizada, com novas abordagens pedagógicas e, assim, conforme indica Soares et al. (1992), modificou-se o sentido da Educação Física, deixando de focar somente a Educação do físico, para um real sentido pedagógico da disciplina, visando à formação integral do ser humano.

Para Daolio (1998), alguns fatores foram fundamentais para essa mudança de concepção da área:

> Além dos brasileiros doutorados no exterior, colaboraram para o surgimento de novas idéias, reflexões e propostas metodológicas na Educação Física brasileira a criação dos primeiros cursos de pós-graduação em outras áreas, sobretudo das ciências humanas, o aumento do número de publicações especializadas e a realização de vários congressos, encontros, seminários e cursos na área (DAOLIO, 1998, p.44).

Todas as concepções criadas a partir desse momento tinham a mesma finalidade, a tentativa de alterar a visão da Educação Física mecanicista, voltada para uma prática focada nas técnicas e táticas. Surgiram, então, as concepções Desenvolvimentista, Construtivista, Sistêmica e Crítico-Superadora, Psicomotricidade, Crítico-Emanicipatória, Cultural, dos Jogos Cooperativos, da Saúde Renovada e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cada uma delas com seus autores de referência (DARIDO, 2003).

Tais concepções levam em consideração teorias oriundas de diversas áreas, mas buscando aproximar as dimensões do ser humano, assim como apresenta Darido:

> Estas abordagens resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas e concepções filosóficas. Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área e a aproximando das ciências humanas. Embora contenham enfoques diferenciados entre si, com pontos muitas vezes divergentes, têm em comum a buscar de Educação Física que articule as múltiplas dimensões do ser humano (DARIDO, 2003, p. 20-22).

Essas dimensões mudam o sentido da Educação Física, tirando seu foco exclusivo do aprender a fazer, destinando ao professor o papel de ensinar o conhecimento existente por trás do fazer, "além dos valores e atitudes envolvidos nas práticas da cultura corporal de movimento" (DARIDO, 2003, p. 23).

Entretanto, é interessante destacar que apesar do surgimento dessas concepções pedagógicas, elas não resultaram em uma alteração total das aulas tradicionais que visavam apenas o conteúdo esportivo, a preocupação com o fator biológico ou mesmo aulas destinadas apenas ao lazer dos alunos e as práticas recreacionistas (DARIDO, 2003).

Ao falarmos da Educação Física Escolar com uma fundamentação teórica, encontramos diversos pensamentos sobre a área. Daolio (1996) considera a disciplina como parte da cultura humana e, desse modo,

> [...] ela se constitui numa área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento criadas pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes. É nesse sentido que se tem falado atualmente de uma cultura corporal, ou cultura física, ou, ainda, cultura de movimento (DAÓLIO, 1996, p. 40).

E ao trabalhar com os alunos fora da sala de aula ou dentro dela, o professor deve "partir do conhecimento corporal popular e das suas variadas formas de expressão cultural, almejando que o aluno possua um conhecimento organizado, crítico e autônomo a respeito da chama cultura humana de movimento" (DAÓLIO, 1996, p.40).

Também é necessário que as aulas sejam destinadas a todos os alunos, desde os mais habilidosos até as crianças com mais dificuldades. O autor acredita em uma Educação Física Plural:

> A Educação Física Plural deve abarcar todas as formas da chamada cultura corporal – jogos, esportes, ginásticas e lutas – e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão física dos alunos, nem a busca de um melhor rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimentos a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos (DAÓLIO, 1996, p. 41).

Para Betti e Zuliani (2002, p.74-75), "a Educação Física deve assumir a responsabilidade de formar um cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante das novas formas da cultura corporal de movimento", sendo que como componente curricular deve "introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai

produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física".

É possível observar que as finalidades da Educação Física Escolar mudam de acordo com a concepção de cada autor, mas sempre levam em consideração a cultura o corpo e o movimento, variando o pensamento sobre o que é mais importante ser trabalhado com o aluno dentro do eixo dessa cultura.

CAPÍTULO III - A PROFISSÃO DOCENTE NA CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo abordamos a profissão docente na contemporaneidade, quais são suas perspectivas, dificuldades, principais conquistas, como a sociedade compreende o professor e como os profissionais se percebem na carreira. Também apresentamos as exigências e competências necessárias para o docente na atualidade, citando o estudo de Perrenoud (2000) sobre o papel do professor na escola.

3.1 O que é ser professor

A profissão docente é cercada por conquistas, desafios, perspectivas e dilemas, mas atualmente, o que é considerado ser professor? Quais as perspectivas de cada profissional? Quais são os maiores desafios de suas carreiras? Como os profissionais se percebem no trabalho? A reflexão da vida profissional é semelhante em todos os momentos da carreira?

A compreensão do que é ser professor envolve vários elementos e não podemos reduzir sua definição a experiências na escola e em sala de aula, entretanto, como nos apresenta Tardif (2002), ser professor abrange um conjunto de saberes fundamentais do ato de ensinar, oriundos de diversas fontes como a formação inicial e continuada dos professores, o currículo e a socialização escolar, os conhecimentos da disciplina a serem ensinadas, as experiências da profissão, a cultura pessoal e profissional, entre outros elementos.

Muitos dos significados sobre o que é ser professor, qual seu papel e função, são concebidos pelos profissionais anteriormente à entrada na formação inicial, assim como cita Tardif (2000, p. 68): “uma boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, principalmente de sua socialização enquanto alunos”.

O pensamento sobre o que é ser professor também se constrói por meio de diferentes concepções circulantes em cada grupo formador, como ressalta Garcia (1999, p.77): “cada programa de formação de professores tem, de um modo explícito ou implícito, um modelo de professor, sendo o processo de formação de professores necessariamente político ou ideológico”.

O autor ainda complementa que “podemos observar numerosas, e por vezes contraditórias, imagens do professor: eficaz, competente, técnico, pessoa, profissional, sujeito que toma decisões, investigador, sujeito que reflete etc.” (GARCIA, 1999, p.30).

Assim como em outras áreas de formação acadêmica, o sentido do que é ser professor de Educação Física vai se construindo muito antes da entrada na formação inicial, essa compreensão é formada por experiências com professores durante o período na educação básica, além de relações sociais que não estão exclusivamente ligadas ao ambiente escolar, como apresentam Amorim Filho e Ramos (2010, p.225):

> [...] quando os alunos ingressam no curso acadêmico de formação de professores em geral e/ou no de Educação Física, eles já vêm com uma certa compreensão do que é ser professor. Esses saberes foram sendo construídos à medida que esses aprendizes tiveram experiências com diversos professores, durante sua infância e adolescência. Além disso, podemos dizer que a própria relação social, dentro e fora da escola, já transmite certa quantidade de informações do que é ser professor.

Folle e Nascimento (2009) acreditam que nenhum docente é neutro enquanto atua com os alunos na escola. O diálogo, a abordagem pedagógica, os costumes, crenças, modo de agir e os valores que eles acreditam ser importantes, são todos construídos ou transmitidos por intermédio de suas relações familiares e com a sociedade. Exemplificam com casos de docentes que utilizaram abordagens ou atividades já vivenciadas com seus ex-professores ou, ainda, como a experiência de ter sofrido algum tipo de preconceito enquanto aluno afetam no seu modo de agir.

Observamos como a formação do professor se inicia muito antes do que imaginamos, é algo construído desde suas relações familiares, experiências enquanto aluno, concepções da sociedade construídas com o passar do tempo, e não exclusivamente da formação inicial. Muitos profissionais, inclusive, mesmo após a formação inicial, se orientam por suas concepções de educação e Educação Física Escolar construídas anteriormente.

3.2 Ser professor na atualidade

Para definir o que é ser professor especificando seu papel, Perrenoud (2000) utilizou uma abordagem que apresenta as competências que o profissional deve alcançar para ter uma carreira bem sucedida, dando destaque para as mudanças que estão se tornando necessárias para a profissão docente na atualidade.

O autor, ao formular as competências necessárias aos professores na atualidade, esclarece que tal procedimento não pode ser considerado neutro, e que leva em consideração um modo de pensar a educação e os procedimentos pedagógicos.

> O referencial escolhido acentua as competências julgadas prioritárias por serem coerentes com o novo papel dos professores, com a evolução da formação contínua, com as reformas da formação inicial, com as ambições das políticas educativas. Ele é compatível com os eixos de renovação da escola: individualizar e diversificar os percursos de formação, introduzir ciclos de aprendizagem, diferenciar a pedagogia, direcionar-se para uma avaliação mais formativa do que normativa, conduzir projetos de estabelecimento, desenvolver o trabalho em equipe docente e responsabilizar-se coletivamente pelos alunos, colocar as crianças no centro da ação pedagógica, recorrer aos métodos ativos, aos procedimentos de projeto, ao trabalho por problemas abertos e por situações-problemas, desenvolver as competências e transferências de conhecimentos, educar para a cidadania (PERRENOUD, 2000, p.14).

Ao apresentar as competências necessárias para a profissão docente, o autor não apresenta algumas categorias convencionais, como a construção de sequências didáticas, a avaliação e a gestão de classe, pois tais categorias já deveriam fazer parte de todos os processos de ensino; sua elaboração é voltada para as mudanças relativas à atualidade, como citamos a seguir.

Para melhor compreender o pensamento de Perrenoud é preciso, primeiramente, apresentar o significado de competência designado por ele, sendo caracterizada por "uma capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação" (PERRENOUD, 2000, p. 15). Segundo tal pensamento, as competências não são apenas saberes ou atitudes, mas utilizam delas para determinar e realizar problemas singulares e em tempo real, construídas em formação e pelas experiências cotidianas. Com base nesta definição, o autor apresenta dez competências que o profissional da atualidade deveria alcançar.

A primeira competência apresentada pelo autor é a de "Organizar e dirigir situações de aprendizagem", a qual está vinculada com as diversas maneiras de ensinar, criando e imaginando situações favoráveis de ensino para a grande singularidade de alunos, buscando transformar os saberes e conteúdos em objetivos de aprendizagem, para tal é preciso que o professor domine os saberes e "seja capaz de encontrar o essencial sob múltiplas aparências, em contextos variados" (PERRENOUD, 2000. p.27).

A segunda competência apresentada é "Administrar a progressão das aprendizagens", a qual se define pela capacidade de conseguir gerenciar a progressão de todos os alunos da turma levando em consideração a heterogeneidade dos alunos. Propondo situações-problema que esteja ao alcance de todos, de modo a conduzir a aprendizagem de toda a classe. Assim como apresenta o autor, "A competência do professor é, pois, dupla: investe na concepção e,

portanto, na antecipação, no ajuste das situações-problema ao nível e às possibilidades dos alunos; manifesta-se também ao vivo, em tempo real para guiar uma improvisação didática e ações de regulação" (PERRENOUD, 2000, p.45).

Como terceira competência, temos "Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação", a qual busca colocar cada aluno em sua melhor situação de aprendizagem para que ele possa evoluir. De acordo com o autor, essa competência "consiste em utilizar todos os recursos disponíveis, em apostar em todos os parâmetros para organizar as interações e as atividades de modo que cada aprendiz vivencie tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagem" (PERRENOUD, 2000, p.56).

A quarta competência apresentada pelo autor consiste em "Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho", competência que está ligada ao fator motivação, ao desejo, a vontade dos alunos, a qual destinaria ao professor o papel de conseguir motivar/despertar o interesse dos alunos para com a aprendizagem e conhecimento. Assim como comenta o autor, "A responsabilidade pelo desejo e pela vontade pouco a pouco se inscreveu no ofício de professor, muitas vezes por não ter outra alternativa do que por vontade de despertar vocações" (PERRENOUD, 2000, p. 68).

A quinta competência é "Trabalhar em equipe", sendo que com a constante evolução que as escolas passam, surgem novos desafios, recursos, ideias, práticas entre outros pontos de responsabilidade do docente, o qual necessita de um trabalho em conjunto com todos os pares da escola para superá-los e encontrar o melhor caminho possível, assim "Trabalhar em equipe é, portanto, uma questão de competências e pressupõe igualmente a convicção de que a cooperação é um valor profissional" (PERRENOUD, 2000, p. 81).

A sexta competência atualmente necessária ao professor segundo o autor, é "Participar da administração da escola." Para tal participação plena, o autor leva em consideração outras competências específicas, tais como: "elaborar, negociar um projeto da instituição; administrar os recursos da escola; coordenar, dirigir uma escola com todos os seus parceiros e organizar e fazer evoluir, no âmbito da escola, a participação dos alunos" (PERRENOUD, 2000, p. 95).

Como sétima competência necessária para um bom professor, temos a de "Informar e envolver os pais", a qual engloba três ramificações segundo o autor, "dirigir reuniões de informação e de debate; fazer entrevistas; e envolver os pais na construção dos saberes (PERRENOUD, 2000, p. 114).

É importante que os professores saibam lidar com as especificidades dos alunos e seus pais, levando em consideração que não só os alunos possuem dificuldades diferentes como

seus pais também possuem preocupações particulares. Tentar descobrir o momento adequado para essas conversas pessoais também é um fator importante para essa competência. Assim como cita o autor, "A primeira competência de um professor é não organizar reuniões gerais quando os pais têm, antes de tudo, preocupações particulares" (PERRENOUD, 2000, p. 115).

A oitava competência apontada pelo autor é saber "Utilizar novas tecnologias", sendo que vivemos em uma sociedade na qual as novas tecnologias da informação e comunicação fazem parte do cotidiano dos alunos e, ignorar essa realidade pode desqualificar a escola, onde os estudantes não encontrariam uma conexão entre o que aprendem e seu dia a dia.

O autor apresenta algumas utilizações que considera importante na prática docente cotidiana, de modo a utilizar as novas tecnologias como ferramenta de ensino, aumentando a sua eficácia e a familiarização dos alunos a esses novos meios de trabalho intelectual. Para isso, a obra traz quatro elementos a serem trabalhados pelos docentes: "Utilizar editores de texto, explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos do ensino, comunicar-se à distância por meio de telemática e utilizar as ferramentas multimídias no ensino" (PERRENOUD, 2000, p.126).

A nona competência é a de "Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão", na qual o papel do professor não se resume apenas em ensinar conteúdos relativos às disciplinas, mas, assim como cita Perrenoud (2000, p.142), "é preciso que se criem situações que facilitem verdadeiras aprendizagens, tomadas de consciência, construção de valores, de uma identidade moral e cívica".

Para alcançar tais objetivos, é preciso que os professores não pensem apenas no futuro, mas que busquem fazer a diferença no momento atual dos alunos. Com esse fim, o autor estabelece cinco subcompetências específicas que estariam coerentes com esse pensamento de educação para a cidadania.

> Prevenir a violência na escola e fora dela; lutar contra os preconceitos e as discriminações sexuais, étnicas e sociais; Participar da criação de regras de vida comum referentes à disciplina na escola, às sanções e à apreciação da conduta; Analisar a relação pedagógica, a autoridade e a comunicação em aula; Desenvolver o senso de responsabilidade, a solidariedade e o sentimento de justiça (PERRENOUD, 2000, p. 143).

Como última competência apresentada por Perrenoud em sua obra, temos a necessidade do professor "Administrar sua própria formação continuada", sendo que essa competência é considerada uma condição para a atualização e para o desenvolvimento de

todas as anteriores, pois assim como ocorrem grandes mudanças na sociedade, o mesmo ocorre com a educação, necessitando de uma constante atualização das novas realidades.

Atualmente, a formação continuada vai muito além do que aprender novos métodos, meios de ensino, fazer cursos aleatórios ou aprender técnicas para dar aula. É levado em consideração todas as dimensões que são trabalhadas na formação inicial, acompanhando até mesmo transformações relacionadas à identidade do profissional. Perrenoud (2000, p. 156) apresenta componentes que acredita serem necessários para a formação continuada:

> Saber explicitar as próprias práticas; Estabelecer seu próprio balanço de competências e seu programa pessoal de formação contínua; Negociar um projeto de formação comum com os colegas (equipe, escola, rede); Envolver-se em tarefas em escala de uma ordem de ensino ou do sistema educativo; Acolher a formação dos colegas e participar dela.

Na obra de Perrenoud encontramos componentes que são importantes para a profissão docente e devem ser considerados quando pensamos no que é ser um professor, principalmente na atualidade. Não podemos deixar de considerar as diferenças encontradas em cada ambiente singular, entretanto, podemos tomar como um referencial de partida a sua obra, para analisar os diversos aspectos que incorporam a profissão docente.

Também é importante destacar que o professor precisa ter consciência que enfrentará situações para as quais não estará preparado, sendo impossível encontrar um modelo pronto de ensino ou mesmo de abordagem para com os alunos, que solucionará todos os seus futuros problemas, assim como comenta Amorim Filho e Ramos (2010, p.226), expondo que "a prática pedagógica é repleta de incertezas e situações problemáticas que não apresentam soluções pré-resolvidas". De tal maneira, o profissional da educação precisa compreender que necessitará descobrir maneiras novas de desenvolver suas aulas ao longo de sua carreira.

Ser professor também é relacionar-se com as diversas dimensões que formam o ambiente escolar, como alunos, pares, diretores, funcionários, pais, comunidade e outros, sendo que essas relações podem facilitar ou dificultar o desenvolvimento do trabalho pedagógico. Filho e Ramos (2010) acreditam que, no início da carreira docente, esse processo pode ser ainda mais problemático, mas que com o passar dos anos essas dificuldades costumam diminuir.

Esta parte abordou as principais exigências da carreira docente na atualidade, entretanto, vários outros autores debatem sobre o tema, sendo necessário um aprofundamento sobre o assunto, mas é possível perceber que a profissão requer muito mais do que uma boa atuação dentro da sala de aula.

3.3 A desvalorização docente

Detectando diversos problemas pessoais na vida dos professores, como depressão, ansiedade e estresse, Santini (2004) concluiu que existe uma grande desvalorização do docente na atualidade, as fontes de motivação são quase nulas perante o impacto dos aspectos negativos. O autor apresenta alguns fatores que acarretam o desânimo na carreira:

> Salários baixos, ausência de condições materiais objetivas de atuação profissional e a falta de oportunidades para a formação continuada, trazem à tona aspectos de baixa auto-estima e valor social, que interferem diretamente em suas condições básicas para realizarem um trabalho eficaz. Incertezas e tensões afetam a natureza e o conteúdo do trabalho do professor de Educação Física, determinando a elevação nos níveis de ansiedade e estresse, e passam por diversas situações, as quais individualmente, apontam para quadros de adoecimento físico e/ou psíquico (SANTINI, 2004, p. 12).

As instituições de ensino parecem não se preocupar em como o trabalho afeta a saúde dos professores, alegando que enfrentar situações adversas ao seu bem-estar fazem parte da vocação para a profissão. Todos sabem sobre os problemas sócio-políticos que envolvem a docência, "mas quase nada é apontado sobre a pessoa do professor, suas inquietações, interesses, valores e expectativas", deixando os aspectos pessoas em segundo plano (SANTINI, 2004, p. 14).

Mesmo com a necessidade crescente de formar novos professores, em virtude da alta demanda acarretada pela expansão do número de redes de ensino, "ainda é baixa a consciência política em relação à importância social dos professores no quadro do desenvolvimento do País e de seu enquadramento na conjuntura mundial", situação observada quando analisamos as questões salariais e a baixa credibilidade em ser professor (SANTINI, 2004, p.17).

Santini (2004) argumenta que existem alguns pontos principais sobre o contexto educacional que explicam de maneira clara a desvalorização da carreira docente:

> Esse processo de desvalorização e descaracterização da atividade docente acredita-se que ocorra a partir de uma desvalorização social com as constantes quedas do seu poder aquisitivo e a sobrecarga de trabalho, retirando do professor o controle de suas práticas docente, havendo, em conseqüência, uma queda na qualidade de ensino (SANTINI, 2004, p.18-19).

Assim como o autor, Folle et al. (2008) acreditam que a valorização dos professores esteja relacionada com a questão salarial. Se o professor não recebe um salário digno com

uma quantidade de aulas adequadas, passam a abandonar a busca pela qualidade do ensino em prol do número de aulas:

> A valorização dos professores perpassa pela questão salarial, que é um dos fortes motivos das mobilizações trabalhistas. A busca por vida digna, status, capacitação e qualificação profissional torna-se desfavorecida pelo ritmo de vida dos professores, que correm de escola para escola na busca de melhores condições salariais (FARIAS, 2008, p. 17).

No trabalho de Santini (2004), concluiu-se que os problemas que o docente não conseguem controlar, são as principais causas do abandono ou esgotamento profissional (desinteresse pela profissão). Também considera que os docentes compreendem os outros problemas que, geralmente, surgem dentro do ambiente escolar, pertencentes às dificuldades da profissão.

> [...] os professores percebem os problemas que se produzem no interior da classe como dificuldades inerentes ao próprio trabalho, sem conceder-lhes um especial significado traumático, enquanto que os problemas referentes a consideração social de seu trabalho, a crítica radical a seus modelos de ensino e o clima que rodeia a instituição escolar, particularmente a respeito das relações com os administradores, são questões que afetam profundamente, porém, não têm capacidade de dominar, criando uma autêntica crise de identidade em que os professores põem em questão o sentido de seu próprio trabalho, inclusive a si mesmos. (SANTINI, 2004, p. 47).

Fica claro como a questão salarial, a falta de tempo disponível e a falta de controle sobre os problemas encontrados no ambiente escolar desmotivam o docente durante a carreira. Entretanto, precisamos refletir sobre nossa profissão, tais motivos não podem ser apontados como justificativa para aulas descomprometidas, sem conteúdos, objetivos, expectativas de aprendizagem, entre outros aspectos que tornam a aula desestimulante.

CAPÍTULO IV - CARREIRA DOCENTE E O INÍCIO DA DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Neste capítulo, tecemos considerações sobre a concepção de alguns autores sobre o ciclo profissional docente, com a definição e duração de cada período da carreira. Também apresentamos as percepções e sentimentos dos professores em início de carreira, destacando, posteriormente, estudos referentes à docência em Educação Física, às motivações, às dificuldades, aos sentimentos, às preocupações e às influências dos profissionais da área.

4.1 A escolha pela profissão Educação Física e a carreira docente

O momento de escolher uma profissão é repleto de dúvidas sobre qual carreira seguir, sendo muitas vezes uma decisão equivocada, acarretando a um abandono precoce da opção feita. Na área da Educação Física não é diferente. Prado (2007), Benites e Souza Neto (2005) citados por Folle et al. (2009, p.26) concluíram "que o indivíduo que opta pela profissão Educação Física normalmente é jovem e está cercado de incertezas quanto ao seu futuro. Essa escolha pode gerar confusões e inseguranças frente a uma decisão que pode ou não ser acertada e/ou concretizada".

Para Almeida e Fensterseifer (2007, p.21):

> A escolha da profissão não é uma tarefa fácil, é uma opção que se faz retomando os vários dias vividos durante nossa constituição, enquanto sujeitos históricos e culturais, a partir dos encontros e desencontros com nossos interesses e intenções e, também, com os interesses e intenções de outros, o que medeia uma tomada de decisão.

Dentre os diversos motivos que levam as pessoas a optarem pela carreira docente em Educação Física, dois deles se destacam: o gosto pelas modalidades esportivas e a identificação com algum professor durante o período escolar nos Ensinos Fundamental e Médio. Conforme evidenciado no estudo de Folle et al. (2009), ao realizar uma pesquisa com quatro professores de Educação Física:

> Não obstante, a professora da fase de entrada na carreira declarou que o motivo de escolha pela profissão docente estava diretamente relacionado a identificação com a intervenção de sua professora de Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental (FOLLE et al., 2009, p. 31).

Assim como a identificação de um modelo profissional enquanto aluno, outro motivo muito evidenciado para a escolha pela docência em Educação Física é a participação em atividades esportivas e as experiências positivas ainda no período escolar, como destacado no estudo de Folle et al. (2009, p.41):

> Os motivos de escolha pela Educação Física sofrem alterações em distintos momentos de formação, onde a identificação com os primeiros professores e a prática de modalidades esportivas foram os fatores implicados. Enquanto a experiência da prática de modalidades esportivas foi destacada pelos professores, a identificação com uma professora foi demarcada pelas professoras.

No estudo de Santos, Bracht e Almeida (2009), no qual entrevistaram três professores de Educação Física, são apresentados resultados que apontavam a grande afinidade pela prática de esportes como a principal motivação para ingressar em um curso de formação em Educação Física. Outro motivo pela opção por Educação Física é o fator financeiro para manutenção da formação: uma terceira professora, entrevistada nesse mesmo trabalho, apontou o custo elevado da profissão desejada (Medicina) como motivo para optar por outra carreira, o que nos fornece mais um dado referente à escolha pela área da educação.

Para iniciarmos o capítulo, torna-se necessário uma breve explicação sobre o termo carreira docente, para que consigamos compreender de maneira mais aprofundada as etapas pelas quais os profissionais da educação transitam durante sua vida.

Para Gonçalves (2009), citando (HARGREAVES; FULLAN, 1992):

> A carreira docente configura-se como um processo de formação permanente e de desenvolvimento pessoal e profissional do adulto-professor, que compreende não apenas os conhecimentos e competências que o mesmo constrói na formação, mas também a pessoa que ele é, com todas as suas crenças, idiossincrasias e história de vida, e o contexto em que exerce a actividade docente (GONÇALVES, 2009, p. 24).

Ao dissertar sobre a carreira docente, Huberman (2000) apresenta as vantagens da utilização e estudo desse conceito:

> [...] Em primeiro lugar, permite comparar pessoas no exercício de diferentes profissões. Depois, é mais focalizado, mais restrito que o estudo da "vida" de uma série de indivíduos. Por outro lado, e isso é importante, comporta uma abordagem a um tempo psicológica e sociológica. Trata-se, com efeito, de estudar o percurso de uma pessoa numa organização (ou numa série de organizações) e bem assim de compreender como as características dessa

> pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela (HUBERMAN, 2000, p. 38).

Durante o percurso profissional docente, os professores passam por momentos que apresentam sentimentos e emoções distintas, situações relacionadas com o período em que se encontram na carreira. Farias (2000, p. 17) complementa que "tais acontecimentos, positivos ou negativos, marcam a passagem de uma etapa para outra, ocasionando o surgimento de estágios ou ciclos de desenvolvimento profissional". Segundo Gonçalves (2009), as mudanças durante o percurso profissional são necessárias em virtude das mudanças e inovações que ocorrem no decorrer da vida.

Ainda segundo Gonçalves (2009, p.24):

> A maneira de ser professor varia, pois, ao longo da carreira, configurando um processo evolutivo em que é possível identificar momentos específicos, marcados por diferenças de atitude, de sentimentos e de empenhamento na prática educativa, resultantes do modo como ele percepciona as relações com os seus pares e com os alunos, a sua prática e o sistema educativo em geral.

O autor considera que o percurso profissional é dividido em dois planos: a construção da identidade profissional que abrange as relações estabelecidas pelo docente com seus pares e sua profissão; e um segundo, denominado de desenvolvimento profissional, o qual é subdividido em três dimensões: as perspectivas de crescimento pessoal, a profissionalização (também definido como processo de aquisição de competências) e a socialização profissional.

Huberman (2000), em estudos realizados anteriormente com professores do ensino secundário (atual Ensino Médio), buscou estabelecer relações com algumas pesquisas anteriores que investigaram o ciclo da vida individual, formulando, posteriormente, trabalhos voltados ao ciclo de vida dos docentes.

Os autores atentaram em analisar questões referentes ao ciclo completo da carreira docente, como: as fases e estágios da carreira, as percepções dos professores em cada momento, a sensação de competência profissional no decorrer dos anos, a satisfação durante esse período, a aproximação com o ambiente escolar, entre outros fatores que são observados durante o desenvolvimento profissional docente (HUBERMAN, 2000).

Entretanto, destacaram que era possível estabelecer dificuldades semelhantes, mas que não deveriam ser consideradas como obrigatórias na vida de todos os profissionais, pois "o desenvolvimento de uma carreira é, assim, um processo e não uma série de acontecimentos.

Para alguns, este processo pode parecer linear, mas, para outros, há patamares, regressões, becos sem saída, momentos de arranque, descontinuidades" (HUBERMAN, 2000, p. 38).

Dentre os diversos modelos que estudam o ciclo profissional docente, o proposto por Huberman (2000) ganha reconhecido destaque (sendo aplicado como referencial teórico em outros estudos), pois divide as fases desse desenvolvimento de acordo com os anos de atuação do docente. Ele considera os três primeiros anos como fase de entrada na carreira, seguido pela fase de estabilização de 4 a 6 anos, fase de diversificação entre 7 e 25 anos, fase de serenidade entre 25 e 35 anos e, finalmente, a fase do desinvestimento para docentes que estão em exercício há mais de 35 anos.

Da mesma forma que Huberman (2000), em pesquisa realizada com professoras de ensino primário (atual ensino fundamental), Gonçalves (2009) atribuiu significados específicos para cada fase desse mesmo ciclo profissional, nomeando-as da seguinte maneira: 1 a 4 anos de docência como etapa de início; 5 a 7 anos etapa de estabilidade; 8 a 24 anos etapa de divergência; 15 a 20/25 anos etapa de serenidade e renovação dos interesses; e, finalmente, dos 25 a 40 anos como etapa de desencanto.

4.2 O início da carreira docente

Seguindo a proposta da pesquisa, optamos por focar o período inicial da carreira docente, apresentando os diferentes significados atribuídos por cada autor a essa fase.

Para Huberman (2000), esse período inicial é composto por dois estágios. O primeiro denominado de "sobrevivência", no qual o docente se depara com a complexidade em ser um profissional, também definido pelo autor como "choque do real". Aparecem, nesse momento, preocupações sobre sua capacidade, a dissonância entre os ideais e a realidade escolar, "a dificuldade em fazer face, simultaneamente à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos", a relação de intimidade muito exagerada ou demasiadamente limitada com os alunos, além de problemas com materiais inadequados ou inexistentes (HUBERMAN, 2000, p. 39).

Por outro lado, essa fase inicial apresenta o aspecto da "descoberta", traduzido pelo entusiasmo inicial, na qual o aluno assume a posição de professor, com responsabilidades e deveres, tornando-se finalmente um profissional. Para Huberman (2000), expondo a literatura que trata sobre o tema, é justamente essa sensação que faz o docente suportar todos os pontos negativos desse início. Entretanto, é constatada a presença de professores que possuem apenas

um destes aspectos, ou mesmo alguns que não se encaixam em nenhum deles, apresentando outras características como a indiferença, a serenidade e a frustração.

Modificando um pouco a duração desse período, Gonçalves (2009) acredita que essa fase pode prolongar-se até os quatro anos iniciais, sendo caracterizada pela variação entre a "sobrevivência" - também concebida pelo autor como o "choque do real", assim como Huberman (2000) - e a "descoberta" que se relaciona a idealização profissional.

Para Gonçalves (2009, p. 26) um destes aspectos sempre se constitui como determinante; quando o sentimento de "sobrevivência" se destaca, o professor vivencia um conflito entre "a vontade de se firmar e o desejo de abandonar a profissão". Dentre os fatores destacados nas entrevistas realizadas pelo pesquisador, estão: a "falta de preparação", as "condições difíceis de trabalho" e o "não saber como fazer-se aceitar como professora".

Em ocasiões em que a "descoberta" é o aspecto dominante, os profissionais passam por essa fase sem dificuldades e se sentindo preparados para os deveres e as obrigações encontrados, entretanto, o autor considera que tal posicionamento é muito mais aparente e ilusório do que real.

Em um estudo realizado com duas professoras de Educação Física, uma iniciando sua jornada e a outra com vários anos de experiência, Almeida e Fensterseifer (2007) também constataram os sentimentos de angústia e expectativa das professoras ao iniciarem na carreira docente, relacionando tais emoções à falta de experiência entre a nova relação que está por se estabelecer, a de professor e aluno.

Esteve (1994), citado por Santini (2004), abordando os problemas enfrentados pelo docente no início da carreira, salienta o despreparo dos novos professores no plano relacional e organizativo, apontando o foco das formações iniciais com conteúdos cognitivos. Ainda é ressaltado, na obra do autor, problemas dominantes nessa fase:

> - dificuldades para adaptar conteúdos aos alunos com níveis diferentes e uma motivação e capacidade de abstração heterogênea;
> - dificuldades para flexibilizar o ensino ao utilizar metodologias e recursos complementares;
> - dificuldades para identificar os objetivos adequados a idade e ao nível escolar dos alunos, abandonando os textos e o discurso acadêmico;
> - dificuldades para integrar elementos de motivação pertencentes ao âmbito de interesses reais de seus alunos;
> - dificuldades para atender peculiaridades específicas de alunos problemáticos;
> - dificuldades para organizar seu próprio trabalho de professor de forma produtiva sem acumular esforços desnecessários; e,
> - dificuldades de contatar com os pais dos alunos e com os próprios colegas, em parte, por falta de segurança em si mesmos (SANTINI, 2004, p. 30).

Para Barone et al. (1996), citado por Farias (2000), o início da carreira é denominado de “nível novato”, no qual fazem parte professores em seu primeiro ano de docência, além dos alunos frequentando estágio acadêmico. Segundo o autor, “os professores nessa fase ainda se sentem incapacitados para assumir a responsabilidade de serem professores, pois apresentam poucas habilidades” (FARIAS, 2000, p. 24).

Os trabalhos apresentados concordam sobre a existência de dificuldades no início da carreira docente, o que nos faz refletir sobre quais questões devem ser trabalhadas na formação inicial para que os sentimentos negativos não sejam predominantes nessa fase da carreira, formando profissionais preparados para enfrentar essas dificuldades.

4.3 Sentimentos de profissionais em início de carreira docente

O início da carreira dos professores é envolto por dúvidas, expectativas e incertezas, momento no qual o profissional embarca em novas formas de relacionamento, pois se antes seus elos eram baseados na interação aluno-aluno e acadêmico-acadêmico, o docente iniciante começa a produzir uma nova relação, de professor para aluno. Esse elo recente envolve uma desavença de interesses, “trabalhando com os alunos, sujeitos diferençados com interesses, desejos e anseios também diferentes daqueles a que estamos acostumados a enfrentar” (AMLEIDA; FENSTERSEIFER, 2007, p.25).

Os profissionais de Educação Física em início de carreira possuem sentimentos como: medo, insegurança e ansiedade, algo que se relaciona com o choque entre o real que é encontrado no ambiente escolar e o ideal que é planejado anteriormente às aulas pelos novos docentes (FERREIRA, 2005).

No estudo de Rossi e Hunger (2012), constatou-se a compatibilidade de sensações nessa fase como, por exemplo, a limitação de sua influência sobre os alunos, pois “observou-se, assim, a decepção do professor a respeito das limitações do alcance da função que exerce no sistema educacional” (ROSSI; HUNGER, 2012, p. 330).

Esse período da carreira é complexo, no qual os profissionais não se sentem totalmente capacitados para o que vão encontrar no ambiente escolar. Seria interessante que os fatores mais relevantes desse momento fossem trabalhados na formação inicial dos docentes, tornando-os mais seguros, compreendendo a normalidade dessa fase, assim como apresenta Betti e Mizukami (1997, p.114): “se os formandos forem conscientizados que realmente

existe um período de transição, que deve ser considerado como normal e esperado, talvez não se sintam tão inseguros".

Folle et al. (2009, p.26) consideraram o ingresso na docência como um momento complicado, no qual os profissionais acabam não se sentindo totalmente preparados para todas as responsabilidades que vão encontrar no ambiente escolar. Eles observaram que "ao ingressar na profissão, o docente assume responsabilidades profissionais cada vez mais crescentes, para as quais muitas vezes não se sente devidamente preparado".

Os autores ainda complementam que é uma fase em que o sentimento de choque entre a realidade e os ideais está constantemente presente, juntamente com a insegurança, o medo e a necessidade de sobreviver na profissão nesse período.

Apesar de constatarmos tais sentimentos no início da docência, os mesmos podem se tornar persistentes por mais tempo, não sendo exclusivos de uma única fase, conforme fases diferentes apresentadas no ciclo de vida profissional de Huberman (2000). O choque entre os ideais do professor e a realidade encontrada na escola, por exemplo, pode ser prolongado com o passar dos anos, algo evidenciado por Rossi e Hunger (2012), ao entrevistar uma professora que não se encontrava mais na etapa inicial da carreira:

> Apesar de se enquadrar nessa segunda etapa da carreira, se considerados os anos de experiência, os sentimentos revelados pela entrevistada são comuns àqueles encontrados nos três primeiros anos de docência, como os desencontros entre os ideais e a realidade escolar (ROSSI; HUNGER, 2012, p. 331).

Ao analisarmos o sentimento de satisfação com a carreira, percebemos que os profissionais que acabam de se formar apresentam um nível inferior quando comparado aos mais experientes. No trabalho de Farias et al. (2008), os autores constataram que o fator satisfação e indecisão são praticamente iguais, uma vez que "na fase de entrada na carreira docente, os níveis de satisfação (43,5%) e de indecisão (41,3%) estiveram muito próximos". Entretanto, com o passar dos anos, esse número reduz drasticamente, "dos 380 professores investigados, 66,1% sentem-se satisfeitos com a situação no magistério [...] e somente 8,2% consideram-se insatisfeitos" (FOLLE et al., 2008, p. 15).

Merece destaque, em relação às perspectivas dos professores sobre a Educação Física como componente curricular, o pensamento que estudantes possuíam antes de ingressarem no ensino superior. Na maioria das vezes, acreditam que a área estuda apenas as práticas de atividade física, reduzindo o foco da Educação Física Escolar. Fato evidenciado no estudo de Amorim Filho e Ramos (2010), quando entrevistaram duas professoras, uma em início de

carreira e outra com quase 30 anos na profissão, as quais alegaram esperar estudar somente aspectos relacionados ao esporte no ensino superior. Os autores refletem sobre a visão das pessoas sobre a área,

> Essa visão pode ser reflexo das experiências das docentes enquanto alunas escolares, dos conceitos apresentados pela mídia e demais meios de comunicação ou, ainda das construções sociais e culturais sobre Educação Física, a qual gera a própria falta de caracterização da área, uma vez que a sociedade passa a enxergá-la como algo eminentemente prático em oposição ao teórico (AMORIM FILHO; RAMOS, 2010, p. 232).

Fica claro, por meio das pesquisas, que o início da carreira docente é cercado por sentimentos negativos. Tal fator pode estar relacionado à precariedade de alguns modelos de estágio, de entidades de graduação que não o valorizam, ou mesmo por não receber o devido destaque durante as aulas na formação inicial, mas é evidente a necessidade em explorar mais esse momento da vida profissional.

4.4 Dificuldades e preocupações no início da carreira

Ao realizarem uma pesquisa com quatro professores de Educação Física, Folle e Nascimento (2011) destacaram a preocupação que os docentes em início de carreira apresentam em relação à formação da cidadania e com questões sociais de seus alunos;

> [...] os professores, apesar de vivenciarem o sentimento de "choque com a realidade" de escolas públicas, devido à ausência de uma infraestrutura adequada ao desenvolvimento do trabalho pedagógico, refletido nas narrativas de insatisfação com as condições materiais e de espaços adequados, não deixaram de se preocupar com as questões sociais que afetam o cotidiano dos alunos e sua formação na condição de cidadãos (FOLLE; NASCIMENTO, 2011, p. 847).

Em outro estudo, Folle e Nascimento (2010), ao realizarem entrevistas com quatro professores de Educação Física com mais de 25 anos de carreira, perceberam que os profissionais entrevistados julgaram os cinco anos iniciais e o período final, como sendo os piores anos da carreira docente, em razão de fatores como condições de trabalho oferecidas, insatisfação com as políticas educacionais e decepção com a classe docente como determinantes desse apontamento.

Realizando uma pesquisa com professores de Educação Física em início de carreira, Claro Junior e Filgueiras (2009) apresentaram as principais dificuldades destacadas pelos

profissionais, na qual o comportamento dos alunos surgiu como fator predominante. A falta de atenção, a indisciplina, o desinteresse por novos conteúdos, as brigas entre os alunos e as atividades paralelas são os principais apontamentos encontrados no trabalho.

Ao realizar uma investigação com uma professora aposentada, Betti e Mizukami (1997) apontaram que no início da carreira docente, a professora não conseguia definir facilmente os objetivos a serem alcançados durante a aula, destacando uma dificuldade encontrada nessa fase do ciclo profissional, mas com o passar do tempo construía seu próprio jeito de lecionar.

Outra grande dificuldade encontrada no início da carreira docente é a falta de apoio dos professores mais experientes. Segundo Cavaco (1990), ainda persiste, sendo que os mais novos acabam preferindo uma relação menos equilibrada e cooperativa. Amorim Filho e Ramos (2010) acreditam que o problema pode estar relacionado com o posicionamento dos recém-formados ao acreditarem possuir todo o conhecimento ou por não desejarem mostrar fraqueza sou dificuldades, ficando isolados dentro da escola.

Ferreira (2005) destaca dois pontos importantes no início da carreira docente: o isolamento do principiante, que não recebe apoio e nem conversa com os pares sobre suas dificuldades; e um segundo aspecto é a crítica à formação inicial, não a considerando efetiva no processo de aproximar prática e teoria.

Ainda falando sobre o isolamento dos professores em início de carreira docente dentro do ambiente escolar, a autora destina tal deficiência às próprias instituições escolares, quando não suprem as necessidades e dificuldades dos novos profissionais.

Outro problema encontrado neste período é o afastamento dos familiares, sendo que para obter melhores oportunidades profissionais ou aprofundar os estudos, o professor precisa, muitas vezes, mudar-se para outras cidades, distanciando-se de seus entes queridos. No trabalho de Silva et al. (2018), ao realizar um estudo com base na história de vida com uma professora emérita, é possível observar:

> A análise da narrativa da professora apresentou o percurso pessoal marcado pelo afastamento do convívio familiar em diversos momentos da vida em virtude dos estudos e de novas oportunidades profissionais (SILVA et al., 2018, p. 210).

Entretanto, um dos maiores marcos da carreira profissional docente é justamente a aprovação em concursos públicos. Tal situação pode contribuir, de maneira significativa, para a permanência na área da docência. Essa sensação positiva alcançada com a efetivação, foi

observada na fala de uma professora entrevistada no estudo de Silva et al. (2018, p.204): “Foi ótimo. Fiquei em segundo lugar, em um concurso com muitas pessoas. [...] Um motivo de vitória[...]. Realizada, eu venci a batalha de passar em um concurso[...]. Fui aprovada com mérito ainda [...]”.

Para sanar as dificuldades no início da carreira docente, os profissionais tendem a buscar recursos que melhorem sua prática pedagógica, melhorando seu desempenho durante as aulas de modo a conseguir alcançar os objetivos propostos, além de minimizar o choque de realidade encontrado em sala de aula. De acordo com Rossi e Hunger (2012, p.335), “na fase de entrada na carreira, os depoentes revelaram buscar ações formativas para aprimorar a prática pedagógica e diminuir o choque com o real dessa fase profissional”.

Ainda é destacado, no trabalho das autoras, que os profissionais em início de carreira tendem a se interessar pela formação continuada, a fim de buscar recursos para melhorar o envolvimento dos alunos nas aulas com uma prática reflexiva, assim como foi observado em uma das entrevistas: “sinalizou o depoente que gostaria de aprimorar-se para ser capaz de construir uma prática em conjunto com seus alunos, uma prática reflexiva e elaborada por todos os envolvidos” (ROSSI; HUNGER, 2012, p.330).

Uma constatação encontrada no trabalho de Almeida e Fensterseifer (2007), em estudo com duas professoras de Educação Física, é que muitos professores não conseguem articular sua intenção na formação do aluno com a prática pedagógica desenvolvida, sentindo-se incapaz de alterar suas aulas frente à realidade escolar encontrada.

O professor deve adotar uma postura reflexiva para conseguir lidar com as dificuldades, uma vez que a consciência sobre sua atuação poderá proporcionar-lhe novos meios para lidar com as situações recorrentes. Claro Junior e Filgueiras (2009, p. 23) concluíram sobre o assunto:

> Sobretudo antes de preocupar-se com a excelência o professor iniciante deve-se buscar a atitude reflexiva durante a prática nos primeiros anos. A tomada de consciência sobre a própria atuação proporcionará bagagem e experimentação nas quais poderá pautar-se doravante. Seu compromisso nos primeiros anos de atuação deve ser com a auto-percepção com vistas ao aprimoramento.

O início da carreira é um momento que apresenta muitas dificuldades para o professor iniciante, principalmente em relação ao seu comportamento dentro da sala de aula, sua relação com os alunos, a questão dos materiais e a dificuldade em vincular a teoria com a prática

cotidiana. Tais fatores devem ser trabalhados na formação inicial para que não sejam motivos que causem o abandono da profissão ou, até mesmo, um esgotamento profissional.

4.5 Influências para o abandono ou continuação da carreira

Ferreira (2005) enumera como causas ensejadoras do desencanto do docente pela profissão ou mesmo o seu abandono no início de carreira, a falta de materiais, o mal relacionamento com os alunos e seus pares e a dificuldade em atrelar conhecimentos acadêmicos com a realidade escolar, dentre outros fatores.

Como gatilhos para o abandono da profissão, destacam Rossi e Hunger (2012), a burocracia e hierarquia encontrada no sistema de ensino estadual, para os quais, muitas vezes, os profissionais se submetem ao posicionamento de pessoas que consideram menos experientes ou preparadas do que eles. Em entrevista com uma professora de Educação Física no quarto ano de docência, Rossi e Hunger (2012, p.332) descreveram:

> Contou a entrevistada que, devido a essa hierarquia e aos processos burocráticos a que os professores estão submetidos no sistema de ensino estadual, não pretende continuar lecionando, mas gostaria de envolver-se com atividades relacionadas à gestão educacional.

Outro fator que estimula a categoria docente a abandonar a profissão é o baixo retorno financeiro, sendo que muitas pessoas se formam em alguma licenciatura, mas abdicam da profissão em virtude de uma maior necessidade econômica, e na área da Educação Física não é diferente, assim como citado por um entrevistado no estudo de Rossi e Hunger (2012, p.330): “como tais áreas não supriram suas necessidades financeiras decidiu prestar concursos públicos em outros campos profissionais, como na área de educação para o trânsito e policial”.

Por outro lado, uma característica que induz muitas pessoas a seguiram a carreira docente, é a segurança que o setor público oferece por meio da aprovação em concursos, no qual os profissionais garantem uma estabilidade no serviço e a segurança física que outras áreas não proporcionam, como também pode ser observado no estudo de Rossi e Hunger (2012, p.330): “o professor acabou optando por inscrever-se em concurso na área da educação, pois concluiu que precisava de um emprego que oferecesse mais segurança para sua família. Foi assim que iniciou sua jornada na Educação Física Escolar”.

Em uma investigação realizada com uma professora aposentada, Betti e Mizukami (1997) enumeram fatores que podem contribuir para uma boa evolução da carreira docente, como "o apoio da família, a valorização de outros profissionais, o apoio dos pais de alunos e as condições de trabalho". Outra conclusão do estudo foram as desmotivações que tendem a levar a um desinvestimento ou, até mesmo, ao abandono da profissão, os "baixos salários, a falta de apoio da direção em alguns estabelecimentos de ensino, a falta de reconhecimento do valor da Educação Física, a falta de condições de infra-estrutura escolar" (BETTI; MIZUKAMI, 1997, p. 114).

Constatando os principais motivos para o abandono da carreira, talvez seja possível conscientizar os docentes que estão nessa fase inicial sobre as dificuldades, buscando amenizar as crises e, quem sabe, diminuir o número de egressos da carreira docente.

CAPÍTULO V - METODOLOGIA

A pesquisa fundamentou-se de acordo com uma abordagem qualitativa, a qual corresponde a questões particulares e de contextos sociais, não cabendo quantificações (MYNAIO, 2001). Nesse tipo de pesquisa, é valorizada a capacidade de identificar e analisar as percepções, pensamentos, opiniões, entre outros dados que não são mensuráveis, não sendo muito significante o critério quantitativo. Esse modelo de pesquisa utiliza uma amostra pequena, buscando "captar a interpretação que determinada pessoa faz da sua própria vida" (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 17).

Os participantes da pesquisa foram oito professores de Educação Física com até sete anos de formação acadêmica e quatro anos de atuação docente na educação básica (pública e/ou privada), de modo a inserir no estudo, profissionais que estivessem no período inicial da carreira docente. No período da pesquisa, os profissionais atuavam no Ensino Fundamental e Médio, com exceção das professoras 6 e 8, que atuavam apenas no Ensino Fundamental.

A seguir, apresentamos um quadro com os perfis dos professores participantes:

Quadro1- Perfil dos participantes

	Atua em escola	Idade	Sexo	Ano de formação	Tempo de atuação	Cidade onde atua	Cargo Efetivo?
Professor 1	Pública	27	Masculino	2013	3 anos	Ibitinga	Sim
Professor 2	Pública	27	Masculino	2013	4 anos	Jaú	Sim
Professor 3	Pública	27	Masculino	2014	3 anos	Bariri	Sim
Professor 4	Pública	33	Masculino	2013	4 anos	Ibitinga	Não
Professora 5	Pública e Privada	36	Feminino	2013	5 anos	Ibitinga	Não
Professora 6	Pública	24	Feminino	2013	4 anos	Ibitinga	Não
Professor 7	Pública	26	Masculino	2016	2 anos	Gália	Sim
Professora 8	Pública	26	Feminino	2013	4 anos	Itápolis	Não

Encontramos os participantes após procurar nas instituições de ensino de Ibitinga e contar com as indicações dos profissionais já entrevistados. Os oito professores entrevistados já tiveram a experiência de lecionar para todos os níveis de ensino (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Os participantes assinaram Termo de Consentimento Livre e esclarecido para ciência dos objetivos do estudo e no qual autorizaram a publicação das informações prestadas, bem como foi

assegurado aos sujeitos que seus nomes seriam mantidos em sigilo durante toda a investigação e publicação dos resultados.

Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, técnica caracterizada pela interação entre entrevistador e entrevistado, fazendo com que o pesquisador se afaste de interpretações que separam sujeito e objeto de pesquisa (AMADO; FERREIRA, 1996). Como ferramentas para a coleta de dados, foram utilizadas um aplicativo de celular gravador de áudios e um roteiro de perguntas abertas.

Foi elaborado um roteiro de questões embasando os seguintes eixos temáticos (conforme Apêndice B): Significado de ser professor; A importância da Educação Física na formação dos alunos; Como a sociedade (alunos e seus responsáveis, gestores, colegas de profissão, poder público etc.), compreende a Educação Física Escolar; Perspectivas e motivos para permanecer na profissão docente ou migrar para outras áreas de atuação; Formação acadêmica e relações com a atuação docente.

A análise dos dados foi embasada nos pressupostos da análise qualitativa de dados, como preconiza Minayo (2012, p.7): "O percurso analítico e sistemático, tem o sentido de tornar possível a objetivação de um tipo de conhecimento que tem como matéria prima opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas", tornando possível a construção do conhecimento mediante análise qualitativa de um objeto de investigação, o qual é proposto em forma de questão do estudo. Foi embasada, ainda, nos pressupostos teóricos de estudos sobre o desenvolvimento profissional docente, tais como Huberman (2000), Folle et al. (2009); Folle e Nascimento (2008); Gonçalves (2009), buscando valorizar os resultados obtidos com os entrevistados e suas contribuições para a área.

As análises e discussões são apresentadas a seguir nas categorias: Significado de ser professor e as dificuldades no início da carreira; A importância da Educação Física na formação dos alunos; Como a sociedade compreende a Educação Física na ótica dos professores; Perspectivas e motivos para permanecer na profissão docente ou migrar para outras áreas de atuação; Formação acadêmica e relações com a atuação docente.

CAPÍTULO VI - PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES ENTREVISTADOS SOBRE A CARREIRA DOCENTE

Neste capítulo, discutimos os resultados obtidos por meio das entrevistas à luz da literatura consultada sobre a percepção dos docentes em relação aos significados de ser professor e as dificuldades no início da carreira, a importância da área na formação dos alunos, como a sociedade compreende a Educação Física, as perspectivas e motivos dos professores para permanecer ou abandonar a carreira, e as relações entre a formação acadêmica e a atuação docente.

6.1 Significados de ser professor e as dificuldades no início da carreira

Com as entrevistas, foi possível observar o significado atribuído pelos docentes em relação a ser professor. Entre os resultados, encontramos duas definições mais recorrentes, nas quais ser professor é transmitir o conhecimento; e também que exige comprometimento, dedicação, esforço e responsabilidade, ambas destacadas por três docentes entre os entrevistados. Outras três definições apareceram isoladamente, mas merecem destaque, como: participar na formação integral dos alunos; engloba outras profissões e não apenas a Educação Física; compreender as diferenças existentes entre os alunos.

Os profissionais apontaram, como principais dificuldades no início da carreira, o desinteresse/indisciplina dos alunos; a falta de materiais e infraestrutura; a carga horária de trabalho elevada que prejudica outros fatores; a dificuldade para se efetivar no início da carreira e o baixo salário.

Uma das principais funções do professor destacadas pelos participantes é transmitir o conhecimento e, apesar de não especificarem quais são esses conhecimentos, foi enfatizado que “ser professor significa você poder passar um conhecimento” (Professor 1). Outro professor ainda complementa que é dar oportunidades aos alunos, “ser professor significa dar uma oportunidade a mais para quem está chegando [...] dar conhecimento, trazer conhecimento para eles” (Professor 4). Um dos docentes relacionou essa transmissão de conhecimentos com o ato de educar e ensinar, “ser professor para mim é muito mais que uma simples profissão, é ensinar, é educar, transmitir conhecimentos” (Professor 7).

Para Luckesi (1994), o termo transmissão de conhecimento destacado pelos professores relaciona-se com uma tendência pedagógica liberal tradicional, na qual o papel do professor se resume em transmitir o conteúdo como verdade absoluta a se adquirida pelos

alunos, os quais devem absorver os conteúdos com atenção e silêncio. Entretanto, o autor destaca que não podemos classificar a concepção de educação do professor por um pensamento ou atos isolados, pois é possível observar a mescla de várias tendências durante a prática cotidiana dos profissionais.

Entre os apontamentos que apareceram isoladamente, um professor destacou que não se trata apenas dos conhecimentos da área da Educação Física, mas também das demais dimensões do ser humano, pensando na formação integral do aluno, "você auxiliar na formação, formação das crianças, não só com o conteúdo da Educação Física, mas sim para que eles se tornem futuros cidadãos, pessoas do bem" (Professor 1).

Ser professor não exige apenas o conhecimento sobre os conteúdos que serão abordados, vai muito além da relação com o conhecimento, assim como em uma entrevista foi apresentado: "e além de tudo, é você ser pai, mãe, psicólogo, ser tudo isso" (Professora 8). Também foi interessante um argumento destacando as diferenças encontradas durante a realização de uma única aula, no qual o professor deve considerar as diferentes personalidades e tempo para aprendizagem dos alunos, "é não desistir achando que todos os alunos são iguais" (Professor 3).

Os resultados encontrados foram compatíveis com a pesquisa de Folle e Nascimento (2011), na qual os professores se preocupam com a formação integral dos alunos em relação às questões sociais que surgem no cotidiano, formando futuros cidadãos, apesar de todas as dificuldades e preocupações do início da carreira.

Foi possível analisar como os professores concebem a profissão docente, sendo uma carreira muito mais complexa que as demais, na qual é necessária muita dedicação, esforço, comprometimento, ética e generosidade, uma vez que os profissionais precisam ir muito além do que exercer sua função de educador. Na fala de um dos entrevistados fica claro esse posicionamento: "exige muito esforço, preparo, conhecimento, dedicação e requer compromisso e comprometimento" (Professora8).

Um segundo professor, acrescenta a ética e a generosidade ao papel do docente: "ser professor é ser um facilitador, um mediador no processo ensino-aprendizagem, é algo que exige muita responsabilidade, que exige ética, que exige generosidade" (Professor 2). Essas exigências são importantes para a formação do aluno, "ser professor é ter um comprometimento e dedicação com a profissão, porque eu sei que os alunos precisam de mim" (Professor 3).

Quando questionados sobre as dificuldades nesse início de carreira, os profissionais apontaram como principais o desinteresse/indisciplina dos alunos; a falta de materiais e

infraestrutura; a carga horária de trabalho elevada que prejudica outros fatores; a dificuldade para se efetivar no início da carreira e o baixo salário.

Houve um grande destaque para o desinteresse e indisciplina dos alunos, sendo possível observar como essa relação conflituosa é um elemento presente nessa fase do ciclo profissional docente, assim como apresenta a maior dificuldade, conforme destacado: "o desinteresse dos alunos, por eles acharem que a aula de Educação Física é uma recreação" (Professora 8); "uma das maiores dificuldades para mim em ser professor foi, às vezes, a falta de interesse do aluno, dependendo a faixa etária, Ensino Médio mesmo, adolescentes eles não gostam" (Professor 7); "um dos problemas acho que maiores [...] é com relação à indisciplina, muitos alunos com indisciplina, muita falta de respeito [...] eles estão ali por obrigação" (Professor 1). Segundo Farias (2000), essa é uma das principais dificuldades do início da carreira docente, mas que com o tempo os profissionais adotam estratégias para sanar o problema, até que em certo momento da carreira não parece haver mais essa dificuldade.

Outra reclamação constante no início da carreira é sobre as condições de infraestrutura fornecidas pelas instituições de ensino, principalmente em relação à falta de materiais para a realização das aulas: "falta de material, às vezes você chega numa escola, você se depara pela grande falta do material para você trabalhar, não tem bolas, não tem cordas, não tem um equipamento necessário para você fazer uma aula melhor" (Professor 7).

Conforme argumenta Betti (1999), a falta de espaço e materiais é realmente um problema muito comum em muitas instituições de ensino, entretanto, para a autora, esses elementos não justificam o alto número de aulas descomprometidas, com profissionais que relacionam a Educação Física exclusivamente à prática esportiva, em muitos casos, apenas uma modalidade, inclusive. Segundo a autora, nós devemos lutar por melhores condições de trabalho, mas não devemos usar a falta de condições como desculpa para não fazer o melhor possível.

Um dos entrevistados apresentou, como uma das dificuldades na fase de entrada na carreira, a tarefa de relacionar os conteúdos trabalhados na graduação com as aulas realizadas no ambiente escolar:

> [...] o início da minha carreira foi um pouco difícil, eu saí da faculdade, acho que todos saem da faculdade com uma cabeça, tentando, mentalizando uma coisa e a gente encontra uma prática muito diferente, do que a gente viu, do que a gente mentalizou, aí até a gente alinhar a teoria com a prática, você acaba sofrendo um pouco (PROFESSOR 1).

Para Huberman (2000), tal situação é muito presenciada no início da carreira, denominada de choque do real, na qual o professor enfrenta diversas dificuldades, entre elas "a distância entre os ideais e as realidades quotidianas da sala de aula [...], a dificuldade em fazer face, simultaneamente, à relação pedagógica e à transmissão de conhecimentos" (HUBERMAN, 2000, p.39).

Para dois docentes, a questão salarial é mais um fator complicado no início da carreira, pois para conseguir uma boa remuneração, é preciso aceitar uma elevada carga horária de trabalho, o que resulta em pouco tempo para as demais necessidades da carreira docente: "é difícil porque você tem que trabalhar de manhã, tarde e a noite para você ter um bom salário" (Professora5). Outro docente ainda relata:

> [...] o professor enfrenta algumas dificuldades no seu cotidiano, uma delas é a questão empregatícia, salarial, um professor quando ele é bem remunerado, ele não precisa ter uma carga horária muito ampla, o que permite a ele um tempo maior para planejamento, então, eu vejo que uma das dificuldades na carreira docente é o baixo salário, a exigência do professor ter uma carga horária exaustiva de trabalho, consequentemente pouco tempo para preparar as atividades e também pouco tempo para investir na sua formação continuada (PROFESSOR 2).

Segundo Farias e Nascimento (2012), um dos fatores que afeta negativamente a qualidade de vida dos docentes é a questão salarial, ainda mais quando nos referimos a professores de escola pública. Com a baixa remuneração, surge a necessidade de um aumento na carga horária de trabalho, ou mesmo a necessidade do pluriemprego.

Em síntese, compreendemos os significados atribuídos pelos entrevistados sobre a profissão docente, destacando a transmissão do conhecimento como principal função da categoria, devendo levar em consideração o aluno como um todo e não trabalhar apenas as habilidades motoras. As principais dificuldades no início da carreira estão relacionadas à indisciplina dos alunos, à infraestrutura precária, ao salário e à dificuldade em relacionar a teoria com a prática, resultados compatíveis com a literatura revisada, mostrando como alguns aspectos do início da carreira são semelhantes, independente do tempo em que vivemos.

6.2 A importância da Educação Física na formação dos alunos

Dentro desta questão, foi possível perceber como a visão de Educação Física focada no desempenho físico foi modificada, principalmente quando observamos que os argumentos vão além do alto rendimento, destacando a importância de uma educação integral do aluno.

Os docentes apresentaram diversos aspectos importantes na formação do aluno, como a valorização de uma vida ativa; a descoberta dos seus limites e de seu corpo; conhecimentos sobre o corpo e a saúde; o desenvolvimento físico e cognitivo; a importância da Cultura Corporal de Movimento etc. Isso nos faz pensar sobre os motivos que levam alguns profissionais a optarem por aulas descompromissadas, sem finalidades, objetivos e interesses, uma vez que avançamos nas concepções sobre a função formadora da área de Educação Física como componente curricular nas escolas.

Quando questionados sobre o assunto, cinco professores destacaram a importância de trabalhar todas as dimensões do aluno, alterando a visão de Educação Física tecnicista que buscava trabalhar apenas com aulas práticas objetivando o desempenho físico: a Educação Física Escolar "colabora com o seu desenvolvimento de forma integral, seja nos aspectos cognitivos, motores, sociais, afetivos" (Professor 2); "Trabalhamos com os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, por isso, isso é essencial na formação integral dos estudantes" (Professor 3); "É uma matéria bem importante para a vida e formação do cidadão como pessoa, caráter e tudo mais" (Professora 6).Assim como os entrevistados da pesquisa destacaram a importância da dimensão humana dos alunos para o pensar das práticas pedagógicas, na pesquisa de Farias (2000), os participantes mencionaram a importância de tornar os alunos mais críticos e presentes na sociedade.

A conscientização da importância da atividade física foi apresentada pelos docentes relacionando, principalmente, a saúde dos indivíduos, a luta contra o sedentarismo, observado nos relatos dos professores: "outro vetor muito importante da Educação Física é que eles levem essa conscientização da importância do exercício físico, da importância das atividades físicas para toda vida deles" (Professor 1); "a Educação Física está ligada com todas as áreas, na saúde, da recreação" (Professor 4); "promove o desenvolvimento do aluno e a vida saudável, a socialização, o espírito de equipe" (Professor 8).

Para Betti (1992), um dos objetivos da Educação Física é estimular a vontade e emoção dos alunos para a realização de atividades físicas, colocando o corpo em movimento. Farias (2000) cita que um dos principais discursos dos professores de Educação Física, buscando valorizar a área, consiste em conscientizar os alunos sobre a importância da atividade física em seus cotidianos.

De acordo com Betti e Zuliani (2002, p.75), a Educação Física tem como finalidade formar um cidadão com posicionamento crítico sobre a Cultura Corporal de Movimento, devendo "introduzir o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai

produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da saúde". Para isso, não basta a simples aquisição das habilidades necessárias, é preciso uma prática consciente e ativa, de tal forma que o aluno domine os conhecimentos envolvidos na prática, destinando sua apreciação por meio do corpo em movimento. Os docentes entrevistados parecem compreender a necessidade em formar alunos críticos e com autonomia para com os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, apesar de não se pronunciarem nitidamente assim.

Para Daolio (1996), a Educação Física estuda a Cultura de Movimento, trabalhando com a construção do conhecimento sobre o corpo e o movimento no decorrer da história, já que devemos formar alunos críticos e autônomos a respeito desses conhecimentos adquiridos por meio das gerações. Pouco foi observado nas entrevistas sobre a relação histórica da Educação Física nas aulas.

Um dos docentes destacou a importância de trabalhar o conhecimento do próprio corpo e dos limites de cada um: "as pessoas não tem consciência corporal, consciência do que ela pode ser de onde ela pode chegar [...] e também acaba descobrindo um pouco mais de si" (Professora6).

Para um entrevistado, o componente curricular da Educação Física pode melhorar o humor dos alunos, o que pode ser uma saída para mudarmos a visão de aprisionamento que observamos nos ambientes escolares: "a Educação Física transforma os alunos mais felizes no cotidiano deles" (Professor 7).

Os resultados mostraram que os professores em início de carreira julgam importante a formação integral dos alunos, os valores, o respeito, a ética, entre outros aspectos fundamentais na formação do cidadão. Igualmente, valorizam a atividade física em busca de uma vida saudável como principal conhecimento a ser trabalho na área para quase todos os entrevistados.

6.3 Como a sociedade compreende a Educação Física Escolar na ótica dos professores

A pesquisa apontou que, na visão dos professores, a maior parte da sociedade (pais, alunos, pares e gestores) não compreende e nem valoriza a Educação Física, definindo o componente curricular como um momento de lazer, diversão e matéria sem conteúdo. Alguns, ainda, preservam o pensamento de Educação Física esportivista. Entretanto, um docente acredita que essa concepção vem mudando nos últimos anos, em virtude, principalmente da

presença da disciplina nos currículos. Em relação à motivação, a metade dos docentes se sente desmotivado em razão da visão da sociedade, ainda mais quando esse pensamento parte dos pares e gestores.

Quase todos os professores da pesquisa (sete professores) relataram que os membros da sociedade (pais, alunos, pares, gestores, a própria família) possuem uma visão equivocada sobre os objetivos e finalidades da Educação Física Escolar, como pode-se observar nas manifestações: “muitos pais, até mesmo os próprios docentes meus amigos de trabalho, os outros professores, tem uma crítica muito grande sobre a Educação Física, pensam que é só diversão” (Professor 7); “eu acredito que muitos pais ou responsáveis, eles tem uma visão contrária do que é a Educação Física, pois eles acham que é só brincar, que os alunos vão fazer o que querem” (Professora 8). Um dos docentes entrevistados ainda concluiu que esse posicionamento pode estar relacionado com fatores históricos, remetendo ao período no qual a Educação Física esportivista esteve no auge: “família, professores, funcionários, tem uma visão tradicional da Educação Física, provavelmente, devido ao processo histórico [...] acreditam que a Educação Física trata, prioritariamente, de conteúdos esportivos” (Professor 3).

Segundo Betti (1999), a sociedade compreende o professor de Educação Física como um super atleta, o que pode estar relacionado com a visão da disciplina ser exclusivamente prática, focando o desenvolvimento das habilidades motoras. A autora articula esse pensamento sobre a área com aspectos históricos, principalmente quando relembramos o período da Revolução Industrial. Para Betti e Zuliani (2002), a Educação Física ficou separada dos demais componentes do currículo escolar por muito tempo, pois destinavam seus objetivos a fins militares, nacionalistas, eugênicos e para a preparação esportiva, diferente das demais disciplinas.

Para um entrevistado, essa desvalorização da Educação Física Escolar vem se modificando e, na escola onde atua, a disciplina se encontra no mesmo patamar das outras matérias para todos os membros da escola, principalmente por fazer parte do currículo da instituição: “a Educação Física era vista de uma forma, até deixado um pouco de lado das outras disciplinas [...] Hoje, pelo menos no Estado [...] ele implantou um currículo de Educação Física [...] isso fez com que desse um ar de mais importância” (Professor 1). Porém, o professor também concorda que ainda há quem desconsidere a importância da disciplina.

Com essa concepção equivocada, a sociedade desvaloriza a Educação Física no ambiente escolar, assim como apresenta uma professora: “eles vão achando que é uma matéria como um nada; eles dão mais importância para Português, Matemática, Ciências,

Geografia" (Professora 8). Outro docente relata que se fosse para optar, os pares substituiriam a disciplina: "os profissionais que lá estão não valorizam a Educação Física, enxergam como apenas uma perfumaria, gostariam imagino de substituir pelas matérias com outros conteúdos" (Professor 2). Este professor, entretanto, acredita que ainda existem escolas que valorizam a Educação Física, conhecem suas finalidades/objetivos e acreditam em sua importância: "Eu já trabalhei em várias realidades educacionais, algumas os profissionais a valorizam [...] enxergam a importância na formação da totalidade do aluno" (Professor 2).

Para Ferreira (2006), essa ótica dos professores sobre a visão da sociedade faz parte das dificuldades do início da vida profissional, mas com o tempo os professores de Educação Física tendem a compreender melhor os pares e gestores, além de fazer com que estes também os compreendam.

Um dos professores destacou que todas essas conclusões sobre a área são reforçadas pela postura de muitos profissionais, os quais optam por abandonar os conhecimentos adquiridos durante a graduação e proporcionam aulas sem conteúdos e objetivos. "Infelizmente, muitos colegas da nossa profissão acabam reforçando essa visão tradicional ou ainda não se identificam nem com uma nem com outra, nem com tradicional nem com essas renovadoras e optam pelo rola bola" (Professor 3).

A metade dos entrevistados na pesquisa indicou que a visão da sociedade sobre a disciplina os desmotivam: "eles tem uma visão contrário do que é a Educação Física [...] isso me desmotiva muito mesmo" (Professora 8). Outro professor relatou que é a desvalorização por parte dos gestores que o desmotiva: "desmotiva um pouco [...] não é nem tanto da sociedade, mas eu acho que como a Educação Física vem sendo tratada pelos nossos superiores" (Professor 4). Para uma professora, o que causa a desmotivação é a falta de interesse dos alunos, que não se comprometem com o conteúdo proposto e preferem conteúdos do seu cotidiano, "estão todos habituados a fazer alguma coisa que fazem na rua e acaba trazendo isso para o ambiente escolar [...] e desmotiva um pouco porque você sente muito pouco o retorno dos alunos para você" (Professora6). Segundo Santini (2004), as dificuldades encontradas dentro da sala de aula não afetam tanto os docentes quanto o posicionamento da sociedade e, muitas vezes, da própria gestão:

> [...] os problemas referentes à consideração social de seu trabalho, a crítica radical a seus modelos de ensino e o clima que rodeia a instituição escolar, particularmente a respeito das relações com os administradores, são questões que afetam profundamente, porém, não têm capacidade de dominar, criando uma autêntica crise de identidade em que os professores põem em questão o

> sentido de seu próprio trabalho, inclusive a si mesmo (SANTINI, 2004, p.47).

Os professores destacaram que a sociedade possui uma visão equivocada sobre a Educação Física, considerando uma disciplina focada no lazer e na diversão, sem conteúdos ou finalidades, o que resulta na desvalorização da área, não sendo de se estranhar o desejo de alguns em substituí-la por outras disciplinas, assim como apontou um dos entrevistados. Para quatro dos docentes, esse pensamento da sociedade acaba sendo um fator desmotivante, principalmente quando parte dos pares ou gestores, podendo ser considerada uma das causas do esgotamento profissional ou, até mesmo, do abandono da profissão.

6.4 Perspectivas e motivos para permanecer na profissão docente ou migrar para outras áreas de atuação

Neste tópico, apresentamos perspectivas e motivos apontados durante as entrevistas em relação à carreira dos docentes, fatores positivos que tendem a manter os docentes na área da Educação Física Escolar e, também, negativos que poderão acarretar em um abandono dessa profissão. Para isso, analisamos as perguntas referentes às motivações dos docentes e as perspectivas sobre a permanência na área.

Quando questionados sobre as experiências ou situações que causam desmotivações na carreira docente, os profissionais apresentaram diversos pontos negativos, como: a falta de estrutura e materiais nas escolas; o baixo salário que leva a uma elevada carga horária de trabalho e pouco tempo disponível para planejamento e outros afazeres; a falta de investimento na profissão docente; a falta de interesse dos alunos; a dificuldade para se efetivar em um cargo docente ou mesmo conseguir atribuição de aulas. Segundo Betti e Mizukami (1997), esse e alguns outros fatores podem contribuir para o desinvestimento na profissão:

> [...] as desmotivações tais como os baixos salários, a falta de apoio da direção em alguns estabelecimentos de ensino, a falta de reconhecimento do valor da Educação Física, a falta de condições de infra-estrutura escolar (número grande de alunos por turma, falta de espaço e materiais adequados) e a falta de critérios de avaliação podem ser responsáveis por um desinvestimento na profissão (BETTI; MIZUKAMI, 1997, p. 114).

A estrutura precária e a falta de materiais foram aspectos lembrados por dois entrevistados, destacando ser esses fatores desmotivantes no início da profissão. Um dos

docentes ainda relaciona esse aspecto com a falta de valorização dos gestores para com a área: “algumas dessas escolas que eu passei me desmotivaram bastante, devido a precariedade estrutural, o abandono da gestão, que não tem cobrança com a nossa disciplina” (Professor 3). O posicionamento do professor pareceu relacionar a falta de valorização com a falta de investimento em materiais para a disciplina.

O estudo de Folle e Nascimento (2011) destacou que, no início da carreira, os professores tendem a ter inquietações com a disponibilidade de materiais e espaços adequados, mas que com o passar do tempo se preocupam mais com a ação didática que desenvolvem e com as propostas do governo para as escolas públicas.

Para um dos entrevistados, a desmotivação é oriunda, principalmente do baixo salário e da falta de investimentos em políticas públicas que beneficiem o docente, “A questão salarial, a falta de políticas públicas que melhorem a condição do professor, plano de carreira, todas essas questões para mim são importantíssimas para que tenhamos mais interesse em seguir na carreira” (Professor 2). Santini (2004) acredita que a questão salarial é um dos principais aspectos que levam ao esgotamento profissional, ainda mais com o aumento das exigências e responsabilidades crescentes da profissão.

A falta de interesse dos alunos pelos conteúdos propostos pelo professor também foi apontado como fator desmotivante, assim como cita uma professora: “os alunos não dão a mínima importância para aula, porque eles ficam desinteressados, eles querem o que eles querem, brincar do que eles querem, então isso me desmotiva muito” (Professora 8).

Claro Junior e Filgueiras (2009) constataram que a gestão das aulas é uma das principais dificuldades do professor iniciante, com destaque para o relacionamento com os alunos. Entretanto, concluíram que o docente não deve tratar os alunos como empecilhos para boas aulas, mas que os profissionais devem variar as estratégias de gestão a fim de descobrir quais são os melhores recursos a serem utilizados para melhorar esse relacionamento. Portanto, no início da carreira, deve focar na auto-reflexão para buscar o aperfeiçoamento. No estudo de Farias (2010), concluiu-se que no início da carreira os professores não fazem nada para mudar a visão negativa que os alunos apresentam pela Educação Física.

A falta de estabilidade empregatícia desmotiva um dos entrevistados, pela incerteza em ter aulas para ministrar no ano seguinte: “não tem mais aulas [...] você mal terminou um ano letivo, você já está preocupado com o que vai acontecer no próximo ano letivo, se você vai ter aulas se você vai ter emprego para trabalhar, é desmotivante” (Professor 4). Para Tardif (2002, p. 97), a baixa quantidade de empregos é um fator que pode levar ao abandono da profissão ou, no mínimo, a um descomprometimento, “haja vista que a precariedade de

emprego pode provocar um questionamento sobre a pertinência de continuar ou não na carreira, e às vezes até um descomprometimento pessoal em relação à profissão".

Um docente também cita a falta de políticas públicas como fator desmotivante: "a falta de políticas públicas que melhoram a condição do professor, plano de carreira, todas essas questões para mim são importantíssimas para que tenhamos mais interesse em seguir a carreira docente" (Professor 2). No estudo de Costa (2013), também foi destacada a importância em investimentos nas políticas públicas, revelando ser um tema de preocupação dos docentes nessa fase inicial.

Com base nesse sentimento de desmotivação, indagamos os participantes da pesquisa sobre a permanência na área, se em algum momento pensaram em abandonar a carreira docente. Cinco professores pensaram em abandonar a profissão nesse início de carreira e algumas motivações foram destacadas: dificuldade para se efetivar; questão salarial; não encontrar emprego onde habita; preferir outro setor; problemas físicos.

A dificuldade para conseguir a efetivação foi destacada por dois docentes como um dos motivos para querer abandonar a profissão: "a gente sabe que hoje a gente tem emprego, mas o ano que vem eu não sei como vai ser, não tem mais segurança nenhuma" (Professor 4); "muitas vezes eu já pensei em abandonar pela dificuldade da gente ingressar, da gente estar na educação" (Professora 8). O posicionamento de outro docente realça a importância da efetivação: "hoje eu estou bem na profissão, graças a Deus, entrei no concurso como professor efetivo do Estado, então, estou tranquilo agora" (Professor 1).

Segundo o estudo de Folle e Nascimento (2010), os cinco primeiros anos são muito complicados para o professor recém-formado, sendo um dos fatores a dificuldade em encontrar trabalho. Essa constatação foi compatível com os resultados da pesquisa, destacando a importância da efetivação para a permanência dos professores na área.

Com essa dificuldade para se efetivar, a questão salarial também se torna uma motivação para o abandono, ou ainda, o gasto extra com os deslocamentos entre as cidades: "por não pegar aula em minha cidade, eu sou de Jaú e dava aula na Barra Bonita, então, o salário acabava não compensando, ganhava-se muito pouco, não tinha muitas aulas" (Professor 2).

Um dos docentes parece não estar feliz com a carreira docente, pretende continuar na área da Educação Física, mas pretende deixar o ambiente escolar: "eu pretendo sair da área, eu não digo totalmente, acho que da área de escola sim, eu pretendo continuar trabalhando com recreação, com essa área, mas fora da escola" (Professor 4). A falta de opção momentânea parece ser um dos fatores que estimula os profissionais a permanecerem na área

por um período indeterminado, isso também foi observado no estudo de Farias (2000), ao encontrar um professor que pretendia sair da carreira docente, mas como não tinha outras opções de trabalho tinha que continuar na profissão.

Outro motivo apontado para um possível abandono está relacionado com problemas físicos. Uma entrevistada relatou que se lesionou durante uma aula e chegou a pensar em abdicar da área, "Eu já pensei sim, mas foi quando eu acabei me machucando no trabalho, eu tive que fazer uma cirurgia no joelho e no meu momento de recuperação eu estava desmotivada, então, foi onde eu falei, eu vou abandonar tudo" (Professora6).

Ainda analisando os motivos que podem induzir os docentes a abandonarem a carreira, perguntamos aos professores se eles conhecem algum profissional de Educação Física Escolar que tenha abandonado a profissão logo no início. As justificativas foram similares as dos docentes entrevistados quando foram questionados sobre os aspectos que os desmotivam durante a carreira, como a dificuldade em atribuição de aulas e o baixo salário. Em contrapartida, dois fatores novos foram alavancados: a indisciplina dos alunos acarretou o abandono de um professor e, um segundo profissional, abandonou a docência em razão da falta de preparação para atuar. Dois professores não conhecem ninguém que abdicou da carreira.

A dificuldade na efetivação aparece novamente como um dos principais motivos para um possível abandono, ficando evidente na fala dos docentes: "desistiram porque não conseguiram emprego na área" (Professora 6); outro docente se aprofunda ainda mais:

> Sim eu conheço, inclusive não apenas um, mas alguns, e o que os motivaram a esse abandono da profissão foi à falta de aula, a falta de oportunidades na carreira docente, alguns deles, o fato de não ingressarem em nenhum concurso e atuar muitas vezes como o eventual no Estado, a não garantia de um salário fixo por mês, então, todas essas questões sim, me chamaram a atenção e levou esses indivíduos a se desmotivarem da carreira docente (Professor 2).

A indisciplina foi citada por um dos docentes como motivo para o abandono de uma professora que ele conhecia, "a maioria cara dessa galera ai que abandona é mais por, pela questão assim, da indisciplina dos alunos mesmo [...] eu conheço uma professora cara, que abandonou a carreira [...] por conta que um aluno chegou a jogar uma carteira nela" (Professor 1).

Por outro lado, também questionamos os professores sobre as motivações que os estimulam a permanecer na carreira. O maior destaque foi o carinho recebido dos alunos,

sendo relatado por cinco professores; ter a possibilidade de fazer a diferença na vida das pessoas apareceu em duas entrevistas; o amor pela profissão também foi referenciado duas vezes; outros dois aspectos surgiram de maneira isolada, o fator financeiro e a alegria apresentada pelos alunos durante as aulas.

Os resultados encontrados não foram compatíveis com os achados de Betti e Mizukami (1997, p.114), no qual "o apoio da família, a valorização de outros profissionais, o apoio dos pais de alunos e as condições de trabalho" foram os principais motivos para a permanência na carreira, o que mostra como as influências podem variar de acordo com o momento histórico e o local específico.

O carinho dos alunos parece ser um dos principais motivos que mantêm o desejo em continuar na profissão, conforme observamos na fala dos docentes: "eu acho que o sorriso deles, a alegria quando eles vêm [...] é bem gratificante, é um retorno bem assim, o carinho deles é bem legal" (Professora 5); "minhas grandes motivações são os próprios alunos [...] eles adoram o professor de Educação Física, você chega eles te abraçam, te beijam, esses são meus grandes motivos" (Professor 7); "chegamos na escola os alunos vem abraçar, conversar com a professora, pede como que está, da beijinho, isso é o que motiva mais" (Professora 8).

Outro fator destacado é o amor pela profissão, aparecendo em duas oportunidades: "a minha maior motivação é amar muito o que eu faço" (Professor 8); "uma delas é o amor pela profissão" (Professor 6). Para Farias (2000), uma das principais motivações desse afeto com os alunos é a proximidade existente entre o professor de Educação Física e o aluno:

> O papel social primordial dos professores de Educação Física nas escolas é o afetivo. Os professores acreditam que os alunos veem os professores como seus amigos, aquele que escuta quando estão mal, sendo que nenhum outro professor apresenta-se tão próximo dos alunos (FARIAS, 2000, p. 90).

A possibilidade de fazer a diferença na vida dos alunos também foi citada por dois docentes: "A satisfação de você ter a ciência que faz a diferença na vida de pessoas, e realmente nós fazemos, imagino que seja a única profissão que quando você falta, no outro dia existem muitas pessoas se importando com isso" (Professor 2); "eu acredito que a Educação Física pode transformar [...] pode transformar a vida dos alunos, mesmo sendo subjetivo no tempo presente, é uma coisa que você vai colher a longo prazo" (Professor 3).

Além do carinho dos alunos, uma professora cita a alegria proporcionada com as aulas de Educação Física como motivo para permanecer na área: "é gostoso você ouvir isso: aí tia,

eu adoro suas aulas, vamos brincar disso, vamos brincar daquilo" (reprodução da fala dos alunos), isso incentiva a gente a prosseguir também" (Professora 5).

Por outro lado, a motivação em permanecer na docência nem sempre vem de aspectos relacionados ao trabalho pedagógico e à relação com os alunos, pois ficou nítido que nem todos estão felizes na atual posição de docente, assim como percebemos no relato de um professor: "um motivo que eu tenho, por mais difícil que esteja todo dia cinco o meu pagamento está lá, é o único motivo que eu tenho em dar aula, pela segurança financeira" (Professor 4).

Apesar de alguns aspectos negativos, quando questionados sobre a opção de permanecer ou não na área, apenas um docente apresentou dúvidas, um segundo pretende sair da docência, mas ainda quer atuar na área da Educação Física. Os outros seis entrevistados não pretendem sair da profissão e não se percebem trabalhando em outra área, uma entrevistada ainda relacionou sua paixão por atividades físicas como um aspecto para não abandonar a área.

A maioria dos participantes pretende continuar na área, pois mesmo com todos os fatores negativos que desestimulam suas permanências, a afetividade pela área acaba se sobressaindo: "não me vejo fazendo outra coisa no momento, existem sim muitas dificuldades, porém, também, é uma carreira muito gratificante" (Professor 2); "eu estou satisfeito em ser professor, então, assim, não penso em outra profissão, porque eu gosto disso que eu faço" (Professor 3); "nunca trocaria a Educação Física, vou me aposentar nela" (Professor 7). Esses apontamentos são compatíveis com os achados da pesquisa de Folle e Nascimento (2010), na qual, apesar das dificuldades, os professores buscam meios para manter a motivação em permanecer na profissão. Esses resultados não foram compatíveis com as constatações de Huberman (2000), uma vez que o autor destaca o sentimento de descoberta, cuja sensação de tornar-se um profissional com responsabilidades e deveres é o que faz o professor suportar as dificuldades.

A professora que apresenta dúvidas em relação à permanência vincula esse sentimento à desvalorização que a área vem sofrendo. Segundo ela, "se for para escolher pelo termo de reconhecimento eu não faria mais a Educação Física, porque ela está sendo desvalorizada, tanto no salário como nós profissionais" (Professora 8). Para Santini (2004), essa sensação de desvalorização está relacionada à baixa remuneração e a falta de controle sobre seu trabalho:

> [...] não é difícil perceber que a questão salarial e a participação cada vez menor na execução de seu próprio trabalho revelam um crescente processo

> de proletarização do profissional de ensino, ficando clara a identificação da desvalorização e descaracterização do magistério como profissão (SANTINI, 2004, p.19).

O docente que pretende abandonar a docência busca uma melhor remuneração e mais prazer em sua atuação: “eu pretendo trabalhar com a recreação em hotéis, nesta área mesmo, é na área de Educação Física, mas não como professor de escola mesmo, remuneração é muito maior, e te dá prazer, porque daí realmente é quem quer fazer, quem quer praticar” (Professor 4).

As principais desmotivações dos professores estão relacionadas à falta de condições materiais, ao desinteresse dos alunos, ao baixo salário e poucas oportunidades de emprego, sendo que a remuneração e a falta de estabilidade empregatícia são os principais motivos para pensarem em abandonar a carreira docente, o que pareceu ocorrer com mais frequência no primeiro ano de docência. Por outro lado, o carinho dos alunos, a sensação de poder fazer a diferença na vida deles e o amor pela profissão são os principais motivos para permanecerem na área. Apesar de todas as dificuldades, seis docentes pretendem continuar na carreira e apenas um tem certeza que quer mudar de área, saindo da carreira docente, o que nos mostra que os aspectos positivos tendem a se sobressair nesse período da carreira.

6.5 Formação acadêmica e relações com a atuação docente

Nesta categoria, analisamos a visão dos docentes em relação à formação inicial, se eles consideram que a graduação contemplou todas as competências necessárias para tornarem-se bons profissionais, levando em consideração a realidade escolar contemporânea. Ainda tratando do tema da formação docente, perguntamos também aos participantes se participaram de ações de formação continuada específicas da área.

Dentre os professores entrevistados, a grande maioria (sete deles) considera que a formação inicial contribuiu para uma boa atuação, entretanto, ficou evidente que considera a experiência prática e a formação continuada as principais colaboradoras para uma boa atuação docente. Dois docentes acreditam que a graduação auxiliou, mas que a realidade escolar é totalmente diferente daquela apresentada na faculdade. Apenas uma professora compreende que sua formação não a preparou para atuar, sendo necessário aprender com profissionais mais experientes, ou mesmo assistindo a vídeos-aula.

Segundo o relato de cinco docentes, a formação inicial é uma base, mas a experiência prática é fundamental para melhorar a atuação docente: “minha formação inicial me preparou

para atuar na carreira, porém, apesar de considerar esse fato, julgo que apenas a prática, a experiência e a continuidade, a formação continuada vai me aprimorar cada vez mais" (Professor 2); "a formação inicial ela dá a base, mas você não pode parar por aí, porque a experiência do dia a dia acaba te despertando a curiosidade para continuar estudando [...] a prática diária ensina muito mais do que a teoria que a gente vê na faculdade" (Professor 3); "o básico eu tive sim, mas o restante das coisas a gente aprende só no dia a dia mesmo, é trabalhando, vivendo para você ter mais conhecimento e adquirir tudo que você precisa para trabalhar dentro da Educação Física" (Professora 6).

De acordo com Betti e Mizukami (1997), é pela prática que o professor encontra o seu jeito de dar aula, forma a sua personalidade profissional, talvez essa visão de aprender na prática esteja relacionada à formação de identidade, visto que não há uma única forma de dar aula que funcionará em todas as ocasiões e cada um precisa descobrir, por conta própria, a sua maneira de dar aula. Farias et al. (2012, p.663) também compreendem que "as situações vivenciadas e as experiências acumuladas, especialmente o partilhar experiências com os pares, tornam os professores mais críticos nos posicionamentos políticos na escola e permitem a consolidação das competências". Para Tardif (2002, p. 57), "o tempo surge como um fator importante para compreender os saberes dos trabalhadores, uma vez que trabalhar remete a aprender a trabalhar, ou seja, a dominar progressivamente os saberes necessários à realização do trabalho".

Segundo Ferreira (2006, p. 185) "a docência se constrói ao longo de um processo contínuo de mudanças, ajustes, adaptações e aprendizagens", desse modo, é por meio das experiências cotidianas que vamos construindo nossa forma de atuar. Entretanto, a autora acredita que os cursos de formação inicial podem minimizar os conflitos da fase inicial da carreira, mesmo sabendo que não é possível dar conta de toda a formação do professor.

Outro fator importante, destacado por quatro docentes, para enfrentar as dificuldades do início da carreira, é a formação continuada: "minha formação inicial me deu uma base, eu tive que procurar muito fora, eu tive que ler muitos livros para ter uma aula melhor, a formação inicial dá uma base para você, mas você tem que procurar por fora" (Professor 7); "quando você entra dentro de uma escola ou dentro de alguma outra área de atuação, se você não buscar também o seu conhecimento, como que você tem que agir, você não consegue fazer as coisas que você tem que fazer no dia a dia" (Professora 6); "a formação inicial te dá a base, mas a formação continuada é que vai dar um sentido na sua profissão, você buscar respostas que antes você não tinha" (Professor 3). Para Betti e Mizukami (1997), a formação continuada é muito importante na carreira, considerando uma obrigação do professor, para

que os profissionais não mantenham conhecimentos ultrapassados em uma sociedade contemporânea em que os ideais mudam constantemente.

Dois docentes argumentaram que algumas dificuldades encontradas no ambiente escolar não são trabalhadas na graduação, resultando em um choque com a realidade: “foi uma preparação legal até, eu acho que eu estava preparado [...] na prática é outra coisa que na teoria [...] ali na faculdade você está com pessoas da sua idade conversando e tal, é diferente você chegar em uma sala de aula com pessoas menores, com 40, 50 alunos” (Professor 4); “preparou sim, mas a realidade, como eu te falei, é totalmente diferente, a hora que você chega na escola pela primeira vez, encara uma sala de 40 alunos te olhando, dá um friozinho na barriga” (Professora 5). Esse distanciamento da formação com alguns aspectos da realidade escolar também foi destacado por Folle e Nascimento (2010), pois os participantes apontaram as diferenças entre as experiências formativas e a prática cotidiana.

Entre todos os entrevistados, apenas um não considera que a graduação lhe preparou para iniciar na profissão, sendo necessário o auxilio de professores mais experientes e outros meios de aprendizagem:

> Na realidade não, porque quando eu entrei para lecionar foi totalmente diferente do que eu aprendi na faculdade, e aí eu fui aprendendo na prática, no dia a dia, com outros professores que foram formados há mais tempo, que tem mais experiência, e aí eu fui buscando informações com eles, fui assistindo vídeo aulas de como estar ministrando aulas, mas falar que a faculdade mesmo me ensinou certinho, não, porque foi totalmente diferente do que eu esperava (PROFESSORA 8)

Segundo Gonçalves (2009), essas são características do sentimento de sobrevivência no início da carreira, já que o profissional não se sente preparado para as responsabilidades e compromissos da carreira, além das condições desfavoráveis de trabalho. Para Huberman (2000) as exigências complexas para o professor no início da carreira fazem parte do choque com a realidade e também são compatíveis com o sentimento de sobrevivência.

De acordo com Santini (2004), alguns cursos oferecem uma formação muito afastada da realidade escolar, com um modelo teórico-prático que não fornece os conhecimentos necessários para uma boa atuação. Ao comentar sobre a qualidade do ensino oferecido por algumas instituições o autor ainda concluiu:

> [...] acredito que as licenciaturas, dentro das universidades públicas ou privadas, raramente são alvo de atenções e projetos. Ao contrário, a formação do professor nunca ocupou lugar privilegiado nas políticas das

> universidades, provocando um baixo nível de satisfação dos licenciados com a formação recebida (SANTINI, 2004, p. 21).

Todos os entrevistados já participaram de alguma formação continuada, sendo o curso de pedagogia o mais citado: três docentes o cursaram ou estão cursando; dois docentes estão cursando o mestrado. Alguns pontos sobre a formação continuada merecem destaque, uma professora cita, por exemplo, a contribuição desta formação para os concursos públicos: “fiz uma pós em educação especial, e ela me ajudou muito porque conforme a gente vai prestando processo seletivo ou concurso ela vai contando ponto” (Professora 8); outra professora relata a vantagem de fazer várias licenciaturas, “você precisa fazer outras licenciaturas para você pegar várias aulas, entendeu? Porque a educação Física, são poucas aulas e muitos, cada vez mais então, cada vez mais profissionais se formando” (Professora 5).

Os docentes acreditam que a formação inicial serviu como base para a atuação, mas que as experiências adquiridas com a prática e a formação continuada são mais importantes no início da carreira. Entretanto, alguns docentes acreditam que a graduação não foi compatível com a realidade encontrada no ambiente escolar. Tal apontamento nos faz refletir sobre a formação ofertada por algumas instituições de nível superior, já que poderiam abordar mais assuntos que estarão presentes no início da carreira, pois esta lacuna pode desestimular a atuação e permanência desses profissionais na carreira docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na temática da fase de início da carreira docente na área da Educação Física, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em identificar e analisar as percepções de docentes, em fase inicial da carreira, em relação à profissão e atuação escolar, e como tais percepções podem influenciar na permanência ou não na carreira docente na área da Educação Física.

Para responder tal objetivo, o estudo foi organizado em objetivos específicos.

No que se refere ao nosso primeiro objetivo específico, no qual buscamos identificar as percepções de professores em início de carreira em relação a ser professor de Educação Física, podemos concluir que a maioria dos professores de Educação Física, recém-formados e em início de carreira, considera-se responsável pela transmissão dos conhecimentos de sua área, na busca da formação de seus alunos como futuros cidadãos, com todos os valores desejáveis a eles. Além da formação integral dos alunos, mais da metade dos docentes apontam a conscientização da atividade física na manutenção da saúde como aspecto mais relevante da Educação Física Escolar. Constatamos que os docentes gostam muito da profissão, apesar das dificuldades como a falta de materiais, a indisciplina dos alunos, a baixa remuneração, a desvalorização da área e poucas oportunidades de emprego encontradas no início da carreira.

O segundo objetivo específico, que consistiu em analisar a relevância do componente curricular no contexto escolar e as perspectivas dos docentes em relação à visão da sociedade sobre a área, verificamos que os professores consideram a conscientização sobre a importância das atividades físicas para a manutenção da saúde o conhecimento a ser trabalhado na Educação Física, mas o principal é valorizar a formação integral do aluno, levando em consideração todas suas dimensões (afetiva, cognitiva, motora e social). Os docentes acreditam que a maior parte da sociedade não compreende a finalidade da Educação Física Escolar, ainda possuem um pensamento de educação esportivista focado no alto rendimento, o que acaba por desvalorizar a disciplina quando comparadas a outras áreas do conhecimento.

Em relação ao terceiro objetivo específico, a respeito das implicações de tais percepções na motivação em permanecer ou não na carreira docente em Educação Física, identificamos que, apesar de muitos fatores desmotivarem os profissionais no início da carreira, tais como os citados anteriormente, o carinho dos alunos e o amor pela profissão acabam mantendo os docentes motivados a permanecer na área. A estabilidade empregatícia também foi um fator diferencial. Por um lado, foi possível perceber como os professores

mudam a postura e sentimentos após a efetivação em concursos. Por outro lado, também foi notória sensação de angústia demonstrada quando essa efetivação não ocorre.

Os docentes em início de carreira se percebem profissionais em formação, considerando a formação inicial como uma base do conhecimento, sendo necessário o aprimoramento e a busca de conhecimentos em outras fontes para uma boa atuação, dando muito valor à reflexão da prática cotidiana e à formação continuada.

Existem muitas dificuldades e motivos que podem levar ao abandono da profissão ou mesmo ao esgotamento profissional nessa fase, mas, para a grande maioria, os aspectos positivos se sobressaem, fazendo com que os docentes permaneçam na profissão.

Após respondermos nossas questões de estudo e apresentar os resultados encontrados em função dos objetivos propostos, ainda é necessário expor algumas limitações da pesquisa.

Em relação às entrevistas com os professores, ficou claro que, pela falta de experiência prévia do pesquisador, o mesmo manteve-se "preso" às perguntas pré-estabelecidas, o que limita os resultados encontrados, sendo possível perceber esse fato nos diálogos posteriores com os participantes, o qual não foi documentado, momento em que apresentaram algumas falas interessantes, mas que já não faziam parte da coleta de dados. Ainda, constatamos que as questões poderiam ser mais específicas às temáticas investigadas.

Outro ponto refere-se à falta de disponibilidade dos professores, a maioria se encontrava ocupada com outras questões relacionadas ao trabalho, destinando um tempo reduzido para a coleta de dados. Talvez com mais calma e um tempo maior para responder às questões, poderíamos obter mais resultados e aprofundar o estudo ou, até mesmo, obter informações diferentes.

Para uma possível continuação da pesquisa, seria interessante incluir profissionais que já abandonaram a carreira docente, ressaltando os pontos definitivos para o abandono da profissão, ou mesmo para uma comparação entre as percepções dos docentes que permanecem na área e os que já abandonaram, com o intuito de identificar aspectos que poderiam ser investidos no início da carreira docente, visando amenizar os sentimentos e angústias que geram o desejo de abandono.

Concluímos que os professores de Educação Física em início de carreira docente pretendem permanecer na área educacional, mesmo compreendendo as dificuldades presentes neste período do ciclo profissional, pois os aspectos positivos parecem ser mais significativos que as dificuldades apresentadas.

Por fim, esperamos que a pesquisa possa contribuir com a formação e a iniciação docente, conscientizando estudantes e professores de Educação Física sobre os desafios,

dificuldades, motivações e concepções que influenciam no cotidiano profissional, além de constatar que tais fatores ocorrem com a maioria dos professores e estão imersos no primeiro ciclo profissional docente. Acreditamos, assim, que o estudo possa contribuir para elucidar as dificuldades e perspectivas que costumam ser comuns nesse período e que podem influenciar na permanência ou não do profissional no campo escolar. Logo, possa se configurar como mais uma contribuição para diminuir o número de abandono dessa profissão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L.; FENSTERSEIFER, P. E. Professoras de educação física: duas histórias, um só destino. **Revista Movimento.** Porto Alegre, v.13, n. 02, p. 13-35, maio/agosto, 2007.

AMADO, J.; FERREIRA, M.M. (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMORIM FILHO, M. L.; RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-238, abr./jun. 2010.

BARONE, T. et al. A future for teacher education: developing a strong sense of profissionalism. In: SIKULA, J.; BUTTEY, T, J.; GUYTON, E. (Org.) **Handbook of research on teacher education**. New York: Macmillan, p. 1118-1149, 1996.

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Revista Motriz.** v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999.

BETTI, I. C. R.; MIZUKAMI, M. G. N. História de vida: trajetória de uma professora de educação física. **Revista Motriz.** v. 3, n. 2, p. 108-115, dez, 1997.

BETTI, M. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2. Sem., 2007.

BETTI, M. **Educação física e sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M.; ZULIANI, L. R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte,** v. 1, n. 1, p. 73-81, 2002.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. A. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora: 1994.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1971.

BRASIL. **Ministério da Educação e Cultura.** Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação** - Parâmetros Curriculares Nacionais. vol. 8, 3ª edição. Brasília: SEF/MEC, 2001.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília, 2003.

CANDAU, V. L. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. **Educação.** Porto Alegre. v. 37, n. 1, p. 33-41, jan./abr. 2014.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1994.

COSTA, C. S. **Práticas pedagógicas de uma professora de educação física de início de carreira**: um estudo de caso. São Carlos: 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

CAVACO, M. H. Retrato do professor enquanto jovem. **Revista Crítica de Ciências Sociais,** Coimbra, n.29, p.121-39, 1990.

CAVACO, M. H. Ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2ª ed. Porto: Porto, p.155-91, 1999.

CLARO Jr, R. S.; FILGUEIRAS, I. P. Dificuldades de gestão de aula de professores de educação física em início de carreira na escola. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.** v. 8, n. 2, p. 9-24, 2009.

DAOLIO, J. **Educação Física Brasileira:** Autores e atores da década de 1980. Campinas: Papirus, 1998.

DAÓLIO, J. Educação física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física.** São Paulo. Supl. 2, p. 40-42, 1996.

DARIDO, S. C. **Educação Física na Escola:** questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DARIDO, S. C.; SANCHES NETO, L. **O contexto da educação física na escola.** In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord.). Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p. 1-24.

FARIAS, G. O. **O percurso profissional dos professores de Educação Física:** rumo a prática pedagógica. Santa Catarina: UFSC. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2000.

FARIAS, G. O.; et. al. Carreira docente em educação física: uma abordagem sobre a qualidade de vida no trabalho de professores da rede estadual de ensino do Rio Grande do Sul. **Revista da Educação Física/UEM.** Maringá, v. 19, n. 1, p. 11-22, 1. Trim. 2008.

FARIAS, G. O.; et. al. Competências profissionais em educação física: uma abordagem ao longo da carreira docente. **Revista Motriz.** Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 656-666, out./dez, 2012.

FARIAS, G. O.; NASCIMENTO, J. V. Fatores intervenientes na carreira de professores de educação física. **Revista Pensar a Prática.** Goiânia, v. 15, n. 2, p. 272-550, abr./jun, 2012.

FERREIRA, L. A. **O professor de Educação Física no primeiro ano da carreira:** análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência. 2005. 216f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2006.

FOLLE, A. et. al. Construção da carreira docente em educação física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Revista Movimento.** Porto Alegre, v. 15, n. 01, p. 25-49, jan./mar, 2009.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Preocupações ao longo da carreira docente: estudos de caso com professores de educação física do magistério público. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 841-856, out./dez, 2011.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Trajetória docente em educação física: percursos formativos e profissionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v. 24, n. 4, p. 507-23, out./dez, 2010.

GONÇALVES, J. A. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, p. 141-170, 1995.

GONÇALVES, J. A. Desenvolvimento profissional e carreira docente – fases da carreira, currículo e supervisão. Sísifo: **Revista de Ciências da Educação.** n. 8, p. 23-36, jan./abr, 2009.

HARGREAVES, A.; FULLAN, M. F. Introduction. In: A. Hargreaves & M. F. Fullan (eds.), **Understanding teacher development**. New York: Teachers College Press, pp. 1-19, 1992.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora,1992.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In:NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, p. 316, 1995.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores.** P. 31-61, 2. Ed. Porto: Porto Editora, 2000.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 6. Ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação.** São Paulo: Cortez Editora, 1994.

MARCELO GARCIA, C. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto, 1999.

MARINHO, I. P. **Educação Física, Recreação, Jogos.** 2ª ed. São Paulo: Cia Brasil, 1971.

MYNAIO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência & Saúde Coletiva.** Rio de Janeiro. V. 17, n. 3. 2012.

NASCIMENTO, J. V.; GRAÇA, A. A evolução da percepção de competência profissional de professores de Educação Física ao longo de sua carreira docente. In: CONGRESO DE EDUCACIÓN FÍSICA E CIENCIAS DO DEPORTE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. CONGRESO GALEGO DE EDUCACIÓN FÍSICA, Porto, 1998. **Anais...** Porto: Universidade do Porto, 1998.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** 1ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte.** São Paulo: Ibrasa. 1982.

ROSSI, F. **Formação Continuada em Educação Física Escolar:** Concepções e Perspectivas dos Professores. Dissertação (Mestrado em Ciências da motricidade) do Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2010.

ROSSI, F.; HUNGER, D. As etapas da carreira docente e o processo de formação continuada de professores de educação física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v. 26, n. 2, p. 323-338, abr./jun. 2012.

SANTINI, J. **A síndrome do esgotamento profissional:** o "abandono" da carreira docente pelos professores de educação física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F.Q. Vida de professores de educação física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v.15, n.2, p.141-65, 2009.

SILVA, E. V. M.; VENÂNCIO, L. Aspectos legais da Educação Física e integração à proposta pedagógica da escola**.** In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Coord). **Educação Física na escola:** implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 50-73, 2005.

SILVA, L. J. et al. Carreira docente em educação física: história de vida de uma professora emérita. **Revista Movimento.** Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 199-214, jan./mar, 2018.

SILVEIRA, G. C. F. Educação Física na perspectiva da cultura corporal: uma proposta pedagógica. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte.** v. 22, n. 3, p. 137-150, maio, 2001.

SOARES, C. L. **Educação física:** raízes européias e Brasil. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, C. L.et. al. **Metodologia do ensino de educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

STROOT, S. Organizational socialization: factors impacting beginning teachers. In: SILVERMAN, Stephen.; ENNIS, Catherine. (Orgs.). **Student learning in Physical Education**. Champaign: Human Kinetics, 1996.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Faculdade de Ciências – Campus de Bauru

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)

Prezado(a) Senhor(a),
Convidamos o(a) senhor(a) a participar da pesquisa que tem como título: **"Perspectivas de professores de Educação Física no inicio da carreira docente",** do pesquisador **André Luis dos Santos Anselmo**, portador do RG 48.876.578-X e CPF nº 422.637.158-51, orientado pela Profa. Dra. Fernanda Rossi no Programa de Graduação em Licenciatura em Educação Física.
A pesquisa tem como objetivo analisar as percepções de professores de Educação Física recém-formados em inicio de carreira em relação a: ser professor de Educação Física; relevância da disciplina no contexto escolar; visão da sociedade sobre a área. Analisar as implicações de tais percepções na motivação em permanecer na carreira docente em Educação Física.
A metodologia da pesquisa é fundamentada nos parâmetros da pesquisa qualitativa e terá como participantes professores (as) de Educação Física com até 7 anos de formação e 5 anos de atuação docente. A coleta dos dados será por intermédio de entrevistas semi-estruturadas com registro em áudio. O registro em áudio será realizado apenas para transcrição das respostas. Não haverá divulgação dos áudios nem da identificação do (a) senhor (a).
Os resultados da pesquisa serão publicados e/ou apresentados com fins científicos (dissertação, tese, livros, artigos, reuniões científicas e afins) sem divulgação de nomes. Os riscos decorrentes da participação nesta pesquisa são mínimos, tais como o desconforto em abordar algum tema ou responder a alguma questão. Entretanto, caso esse ou algum outro incômodo ocorra o senhor (a) poderá comunicar o pesquisador responsável para a adequação da entrevista.
Quaisquer esclarecimentos poderão ser solicitados no decorrer da pesquisa. Cabe lembrar-lhe, ainda, que o (a) senhor (a) poderá recusar ou retirar seu **consentimento livre e esclarecido** em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Dadas às características desta investigação, o (a) senhor (a) não terá nenhuma despesa, uma vez que o pesquisador se deslocará até o seu local de trabalho para a realização da entrevista, bem como, não haverá remuneração para participar da mesma.
Se o (a) senhor (a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o (a) Sr (a) e outra com o pesquisador. Agradeço antecipadamente a sua participação e contribuição.
Em caso de dúvidas éticas você poderá entrar em contato com o CEP da Faculdade de Ciências de Bauru-UNESP, através do número (14) 3103-6087 endereçado na Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01.
Local: _____, ___ de _____de _____.

_____ _____
Assinatura do Pesquisador Responsável **Assinatura do participante da pesquisa**

Dados sobre a Pesquisa:
Título do Projeto: **Perspectivas de professores de Educação Física no inicio da carreira docente**
Pesquisador Responsável: **André Luis dos Santos Anselmo**
Cargo/função: Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física
Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP
Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01- Bairro: Vargem Limpa 17033-360 - Bauru, SP
Dados para Contato: fone (16) 3341-2392 e-mail: andre_luis_anselmo@yahoo.com.br
Orientador(a): **Fernanda Rossi**
Cargo/função: Orientadora – Profa. Dra. do Departamento de Educação/FC
Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01- Bairro: Vargem Limpa 17033-360 - Bauru, SP
Dados para Contato: fone (14) 3103-6081 e-mail: fernandarossi@fc.unesp.br

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome:_____

Documento Identidade:_____

Sexo:_____

Data Nascimento:____/____/_____

Endereço:_____

Telefone para contato:_____

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

O roteiro de questões:

(1) O que significa ser professor para você?

(2) Qual a importância da Educação Física na formação dos alunos?

(3) Em sua opinião, como a sociedade (pais, alunos, gestores, colegas de profissão, a própria família etc.) compreende a Educação Física Escolar? Essa visão te desmotiva de alguma maneira?

(4) Quais as maiores dificuldades em ser professor atualmente?

(5) Suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente?

(6) Quais suas motivações para permanecer na área?

(7) Sua formação inicial te preparou para uma boa atuação docente?

(8) Você já fez alguma formação continuada? Elas te ajudaram nesse inicio de carreira?

(9) Você conhece algum professor que abandonou a profissão logo no inicio da carreira? Se sim, quais foram os motivos?

(10) Você já pensou em abandonar a carreira docente? Por quê?

(11) Se fosse possível escolher uma nova área de atuação, você ainda seria professor de Educação Física?

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS COM OS PROFESSORES

Siglas:

PE: Pesquisador

P1: Professor um

Entrevista com o professor 1 – Gravação 01 - 18/07/2018 (11h35min – 11h46min).

[1] PE - O que significa ser professor para você?

[2] P1 - Cara, ser professor significa muito pra gente, ser professor é... a profissão de professor é uma profissão é... muito bonita, muito, eu acho muito legal, muito nobre. Cara, o André ser professor significa você poder passar um conhecimento, você auxiliar na formação, formação das crianças, não só com o conteúdo mesmo da Educação Física, mas sim pra que eles se tornem futuros cidadãos, pessoas do bem, pessoas com conhecimento legal ai de vida.

[3] PE - E sobre a importância da Educação Física. Qual a importância da Educação Física na formação dos alunos?

[4] P1 - Cara, a importância da Educação Física, assim, eu vejo essa área, muito assim, crescendo muito e não assim só com relação no caso deles, deles fazerem a atividade física durante a aula, sim isso é muito importante, que eles pratiquem a atividade física, pratiquem os exercícios durante a aula, mas é outra, outro vetor muito importante da Educação Física é que eles levem essa conscientização da importância do exercício físico, da importância das atividades físicas pra toda vida deles, pra que não só ao longo do período escolar, mas que pra toda vida eles sigam fazendo atividade física, é saibam da importância da atividade física, da luta contra o sedentarismo, não só para os alunos, mas pra conscientização da própria família também.

[5] PE - Na opinião do professor, como que a sociedade (os pais dos alunos, os gestores, colegas de profissão, a própria família) compreende a Educação Física? Você acha que eles dão importância a essa área?

[6] P1 - Cara, é... tem mudado um pouco isso viu André, há um tempo atrás cara, a Educação Física era vista de uma forma, até deixado um pouco de lado das outras disciplinas, cara. Hoje, assim... pelo menos no estado, na escola que eu to, eu posso te fala sobre isso, o estado ele implantou um currículo de Educação Física junto com as outras disciplinas, então tem todo currículo, tem o caderno, isso fez com que desse um ar de mais importância, assim, não nós professores, porque nós já sabemos a importância da Educação Física, mas, mais para os gestores da escola, mais para os alunos, é... fazendo com que a Educação Física fique no mesmo patamar das outras disciplinas, no meu caso, por exemplo, eu dou prova, dou trabalho, tem as apostilas que eu tenho que cumprir, então acaba tendo uma importância no mesmo patamar, no mesmo sentido das outras disciplinas, mais ainda sim, ainda, lá no fundo, alguns pais, assim, até alguns alunos ainda tem aquele conceito de Educação Física apenas como um momento de lazer, de brincadeira, mas isso já tá um pouco ultrapassado, cara, a Educação Física já posso te falar que já tá praticamente no mesmo patamar das outras disciplinas.

[7] PE - E sobre o início da sua carreira, quais as maiores dificuldades que você considera que o professor enfrenta atualmente? E como você avalia esse período inicial?

[8] P1 - Cara, o início da minha carreira foi um pouco difícil, cara, é, eu sai da faculdade, acho que todos saem da faculdade, assim, com a, uma cabeça tentando, mentalizando uma coisa e agente encontra uma prática muito, muito diferente, né, do que... do que agente viu, do que agente mentalizou, ai até a gente alinha a teoria com a prática, você acaba sofrendo um pouco cara, um dos problemas acho que maiores que agente encontra, que o

pessoal vai encontrar é com relação a indisciplina né, muitos alunos com indisciplina, muita falta de respeito, falta de responsabilidade, é alguns não tem muita vontade de estar ali, de estudar, eles estão ali por obrigação, então eu acho que, que é mais nessa questão de indisciplina mesmo cara.

[9] PE - Você sentiu muito esse "choque" na mudança do pensamento que você estudou na faculdade e o que foi encontrado na escola? Teve muita diferença?

[10] P1 - Sim cara, teve um pouco de diferença sim cara, eu tava, sai com uma cabeça assim, de tentar colocar em prática tudo que agente aprende na faculdade, tudo que foi visto, e ai você vê que a realidade é um pouco diferente da prática, do que, aliás, desculpa, a prática é um pouco diferente da teoria, né, por várias questões, por causa também dessa indisciplina que agente falou, mas também por questão, por questões de espaço físico, de material, de salas super lotadas, às vezes você pega uma sala com quarenta alunos, ai é um pouco difícil você colocar em prática tudo que você pretendia ou tudo que você viu, e você acaba tendo que se moldar, se adaptar, e com o tempo você vai pegando experiência com relação a isso e vai levando mais tranquilo.

[11] PE - Em relação a sua formação inicial, o professor se formou na UNESP lá de Bauru, gostaria de saber se essa formação conseguiu te preparar para sua atuação? E de que forma?

[12] P1 - Sim cara, a formação, eu me formei como você disse na UNESP de Bauru, e eu acho que, é a formação com certeza, a formação da UNESP me deu muita... muita bagagem, muito conhecimento, muita aprendizagem, é pra que eu consiga colocar em prática até hoje, com certeza toda minha carreira o conteúdo que é necessário na escola, o conteúdo de Educação Física, tanto que o currículo de Educação Física praticamente, todo o conheço, já vi nas disciplinas da UNESP, então te dá uma bagagem, te da um conhecimento bem legal cara.

[13] PE - Você já chegou a fazer alguma formação continuada depois, pra te ajudar nesse começo de carreira?

[14] P1 - Sim cara, eu fiz vários cursos, eu fiz cursos na área de futebol, porque eu trabalhava com futebol, eu fiz cursos na área de personal trainer, também que eu trabalhava, trabalho inclusive também até hoje como personal trainer, e hoje eu to, entrei no estado agora no começo do ano como efetivo, porque eu já trabalhei uma época, 2015/2016 como eventual, agora estou fazendo cursos de formação do Estado de São Paulo dos ingressantes, todo ingressante ele passa por um período, eu acredito que seja um ano, um ano e meio, de cursos de formação, esse curso é a distância, mas é um curso bem legal também, que te dá um conhecimento bom ai pra você ta aplicando isso daí na prática.

[15] PE - Você já conhece algum professor de Educação Física que chegou abandonar a carreira nesse início? Quais foram os motivos e como você avalia essa situação?

[16] P1 - Cara, professor de Educação Física eu acho que eu devo lembrar sim de alguém, de outras disciplinas eu até conheço professor que abandonou a carreira cara, ó André, eu acho que a maioria cara, dessa galera ai que abandona é mais por, pela questão assim da indisciplina dos alunos mesmo cara, de não conseguir colocar em prática aquilo que estudou, acaba sendo um pouco frustrante, é falta de respeito dos alunos com o professor, eu conheço uma professora cara, que ela até abandonou a carreira, hoje ela trabalha como representante comercial se eu não me engano, ela me contou que ela abandonou a carreira por conta que um aluno chegou a jogar uma carteira nela, então, isso eu acho que vai acabando desmotivando, e tem um professor também que, até uma vez comentou comigo, de Educação Física, que ele estava desmotivado pela questão salarial também, entre outros fatores, e acabou saindo da área.

[17] PE - E você professor, já chegou a pensar em abandonar a carreira docente em algum momento?

[18] P1 - Olha André, no começo cara foi muito difícil, no começo foi muito difícil, eu até pensei em prestar concursos pras outras áreas, área policial, entre outras cara, porque como eu te disse agente passa por bastante dificuldades, principalmente no começo cara,

mas hoje eu to bem na profissão, graças a Deus, to, entrei como... no concurso como professor efetivo do Estado, então, to tranquilo agora cara.

[19] PE - Você acha que o reconhecimento das outras pessoas sobre a Educação Física afeta nesse começo?

[20] P1 - Ah cara, eu acredito que não viu André, eu acho que o pensamento das pessoas assim... não sei se interfere tanto nas dificuldades que você vai encontrar no começo cara, eu acredito que as dificuldades que você vai encontrar no começo são essas que eu te falei, a questão da falta de experiência pra você alinhar a teoria com a prática, também a questão da falta de experiência pra você lidar com as situações, lidar com os alunos, pra você adaptar as situações que te apareçam, de falta de material, de excesso de alunos, de tudo mais cara, mas eu acho que a opinião das pessoas, nesse quesito não vai interferir não.

[21] PE - Se fosse possível escolher uma outra área de atuação, você ainda seria professor de Educação Física, ou se você tivesse a oportunidade de voltar (no tempo), escolher uma outra profissão?

[22] P1 - Olha André, eu acho que eu seria sim, viu cara, essa é uma questão difícil de falar cara, porque agente tem que, agente tem que estar sempre insatisfeito, não sei se você já ouviu falar disso, não digo nem insatisfeito, mas agente tem que estar sempre procurando evoluir, então agente nunca pode estar acomodado, mas eu tou sempre na minha área, a Educação Física sempre incomodado tentando evoluir, tentando fazer coisas melhores, tudo isso, mas eu to muito bem na minha área e eu não me vejo fazendo outra coisa não.

Siglas:
PE: pesquisador
P2: professor dois

Entrevista com o professor 2 – Gravação 02 - 16/08/2018 (16h26min – 16h36min).

[1] PE – O que significado ser professor para você?

[2] P2 – Pra mim ser professor é ser um facilitador, um mediador no processo ensino-aprendizagem, é algo que exige muita responsabilidade, que exige ética, que exige generosidade, é um processo complexo.

[3] E para o professor, qual a importância da Educação Física na formação dos alunos?

[4] P2 – O papel da Educação Física é fundamental na formação do aluno, uma vez que ela colabora com o seu desenvolvimento de forma integral, seja nos aspectos cognitivos, motores, sociais, afetivos, ou seja, devido a suas características por se distinguir até um pouco das outras áreas do conhecimento, ela exerce função fundamental, é de muita importância, seja ela em qualquer faixa etária da escolaridade do individuo, então, é imprescindível que ela seja ofertada em todas as idades.

[5] PE – E na opinião do professor, como a sociedade (pais, alunos, professores, gestores, pares) compreendem a Educação Física? E como isso afeta a sua motivação?

[6] P2 – Eu já trabalhei em várias realidades educacionais, algumas os profissionais a valorizam, a Educação Física, enxergam a importância na formação da totalidade do aluno, da sua função social, é... a convivência, a questão esportiva algumas vezes, a questão... o mérito da saúde, então, algumas realidades educacionais que eu passei valorizam sim e muito a Educação Física, em contra partida, outras realidades, é os profissionais que lá estão não valorizam a Educação Física, é... enxergam como apenas uma perfumaria, é... gostariam imagino de substituir pelas matérias é... com outros conteúdos, então, já passei por diversas realidades educacionais, mas a questão da motivação eu imagino que nessas realidades onde o pensamento é adverso, que nós devemos mostrar um trabalho coeso, um trabalho pautado na teoria, e... resultados, para

que essas pessoas mudem a sua opinião e comecem a enxergar a Educação Física como algo também importante... tão importante quanto as outras disciplinas.

[7] PE – E para o professor, quais são as maiores dificuldades da profissão atualmente?

[8] P2 – No meu ver o professor enfrenta algumas dificuldades no seu cotidiano, uma delas é a questão empregatícia né, salarial, um professor quando ele é bem remunerado ele não precisa ter uma carga horária muito ampla, o que permite a ele um tempo maior pra planejamento, então, eu vejo que uma das dificuldades na carreira docente, é o baixo salário, a exigência do professor ter uma carga horária muito exaustiva de trabalho, consequentemente pouco tempo para preparar as atividades e também pouco tempo para investir na sua formação continuada, então eu imagino que esse seja um dos maiores problemas, além das questões infra estruturais da escola e do sistema, então, grande quantidade de alunos em sala de aula também é um dificultador que o professor enfrenta em muitas realidades.

[9] PE – Algo te desmotiva a permanecer na carreira docente?

[10] P2 – A questão salarial, a falta de políticas públicas que melhoram a condição do professor, plano de carreira, todas essas questões pra mim são importantíssimas para que tenhamos mais interessados em seguir a carreira docente, mas de modo geral eu me sinto motivado sim, gosto do que faço, mas existem muitas coisas que eu acredito que poderia melhorar.

[11] PE – E quais são suas motivações para permanecer na área?

[12] P2 – A satisfação de você ter a ciência que faz a diferença na vida de pessoas, e realmente nós fazemos, imagino que seja a única profissão que quando você falta, no outro dia existem muitas pessoas se importando com isso, então, o professor ele tem essa questão de ser querido, do afeto, e isso sem sombra de dúvidas me motiva a querer cada vez mais aprender pra poder passar... facilitar o conhecimento de outras pessoas.

[13] PE – Sua formação inicial te preparou para uma boa atuação docente?

[14] P2 – Sim, imagino que minha formação inicial me preparou para atuar na carreira docente, porém, apesar de considerar esse fato, julgo que apenas a prática, a experiência, e a continuidade né, a formação continuada vai me aprimorar cada vez mais no exercício da docência, então, considero sim que a minha formação inicial foi sólida, porém, tenho ciência que ainda há muito, sempre né, sempre a aprender e a melhorar, então, considero que quando nós sempre ao pensar que sabe-se tudo ai que não sabe-se nada né, então, considero a importância na troca de experiência com os outros professores no dia a dia e também na continuidade dos estudos.

[15] PE – Você conhece algum professor que abandonou a profissão logo no começo da carreira? E quais foram os motivos?

[16] P2 – Sim eu conheço, inclusive não apenas um, mais alguns, e o que os motivaram a esse abandono da profissão foi a falta de aula, a falta de oportunidades na carreira docente alguns deles, o fato de não ingressarem em nenhum concurso e atuar muitas vezes como o eventual no estado, a não garantia de um salário fixo por mês, então, todas essas questões sim, me chamaram a atenção e levou esses indivíduos a se desmotivarem da carreira docente.

[17] PE – Voltando aqui, você já realizou algum curso de formação continuada?

[18] P2 – Sim já realizei, realizei cursos de pós-graduação lattus sensu na área de educação, após a graduação em educação física eu também cursei pedagogia e agora estou iniciando meus estudos no mestrado também na área de educação, além dos cursos é... palestras, é... procuro sempre estar participando, o que compromete um pouco a formação continuada do professor acredito que seja a baixa remuneração e o pouco tempo destinado né, que o professor acaba destinando pra isso, mas eu vejo muita... muita importância nesse processo.

[19] PE – E você já pensou em abandonar a carreira docente? Por quê?

[20] P2 – Sim já pensei até em abandonar a carreira docente logo no principio, o ano mais difícil pra mim na carreira foi o primeiro, por não ter experiência na prática, então encontrei algumas dificuldades na questão disciplinar de aluno, na questão do próprio

domínio do currículo do estado, por não conhecê-lo, então foi um pouco difícil, então logo no primeiro ano sim, também por não pegar aula em minha cidade, eu sou de Jau e dava aula na Barra Bonita, então o salário acabava não compensando, ganhava-se muito pouco, não tinha muitas aulas, então de fato sim, pensei realmente em abandonar a carreira docente, porém, depois fui me adequando, me ambientando no universo da educação física e estou até hoje, hoje particularmente não tenho esse pensamento.

[21] PE – Se fosse possível escolher outra profissão, você ainda seria professor de Educação Física?

[22] P2 – Sim, acredito que sim, se fosse possível escolher uma outra área de profissão, acho que eu ainda escolheria a educação física e a carreira enquanto professor, não me vejo fazendo outra coisa no momento, existem sim muitas dificuldade, porém, também é uma carreira muito gratificante.

Siglas:
PE: pesquisador
P3: professor três

Entrevista com o professor 3 – Gravação 03 - 23/08/2018 (11h18min – 11h30min).

[1] PE – O que significa ser professor para você?

[2] P3 – Pra mim ser professore é ter um comprometimento e dedicação com a profissão, porque eu sei que os alunos precisam de mim, é não desistir achando que todos são iguais, mas sim lutando para fazer a diferença na vida dele, mesmo não colhendo os frutos no presente

[3] PE – E para você, qual a importância da Educação Física na formação dos alunos?

[4] P3 – Por lei a Educação Física faz parte do componente curricular da Educação Básica, do Infantil, do Fundamental até o Ensino Médio, e nós trabalhamos com os conteúdos da Cultura Corporal de Movimento, nas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, por isso, isso é essencial na formação integral dos estudantes, daí a sua importância.

[5] PE – Em sua opinião, como a sociedade, alunos, pais, gestores, colegas de profissão, funcionários, a própria família, compreende a Educação Física Escolar? Essa visão te desmotiva de alguma forma?

[6] P3 – Infelizmente, a maioria da comunidade escolar, como você cita, família, professores, funcionários, tem uma visão tradicional da Educação Física Escolar, provavelmente, devido ao processo histórico que ela sofreu né, que a nossa área sofreu. Então, eles acreditam que a Educação Física trata prioritariamente de conteúdos esportivo, treinamento visando à saúde e o bem estar, só que o que agente sabe é que a Educação Física Escolar mudou após a década de 80, com o surgimento de pensadores que transcenderam essa visão biológica que tinha da Educação Física, e agora com novos embasamentos filosóficos e sociológicos, só que o que acontece, infelizmente, muitos colegas da nossa profissão acabam reforçando essa visão tradicional ou ainda não se identificam nem com uma nem com outra, nem com tradicional nem com essas renovadoras e optam pelo rola bola, o que é pior ainda né, acaba abandonando ou deixando os alunos à vontade, sem, sem um conteúdo específico, sem trabalhar o pedagógico com eles, então esse tipo de visão me desmotiva um pouco, mas eu acredito que a longo prazo com um trabalho bem feito é possível mudar.

[7] PE- E quais são as maiores dificuldades em ser professor atualmente?

[8] P3 – Eu poderia ficar aqui falando horas pra você sobre as dificuldades, porque a maioria da escola, das escolas, assim, mudam o endereço, mas as dificuldades acabam sendo as mesmas, citando alguma pra você aqui, que eu enfrento, é a indisciplina, que você deve ter discutido bastante ai na faculdade, a falta de comprometimento dos alunos e também da própria direção da escola e também a falta de recursos materiais né, pra melhorar a minha aula em si.

[9] PE – E suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente?
[10] P3 – Bom é eu tenho pouco tempo de experiência profissional, eu me formei em 2014 e já me efetivei no concurso e comecei a trabalhar, atuar nas escolas, eu trabalhei tanto na Educação Infantil, tanto no Fundamental e Médio, atualmente no Fundamental e Médio de uma escola Estadual, algumas dessas escolas que eu passei me desmotivaram bastante, devido a precariedade estrutural, o abandono da gestão né, que não tem uma cobrança com a nossa disciplina né, te deixam a vontade lá, é atualmente eu trabalho numa escola estadual com melhores condições, é e acabou me dando um animo pra continuar, assim eu gosto da profissão, mas ás vezes eu me pego né, na bad profissional né, acho que faz parte de todo processo, mas assim, é o que eu gosto de fazer.
[11] PE – E quais são suas motivações para permanecer na área?
[12] P3 – Eu acredito que a Educação Física pode transformar né, a educação, a Educação Física específico, pode transformar a vida dos alunos, mesmo sendo subjetivo né, no tempo presente, é uma coisa que você vai colher a longo prazo né, talvez seja difícil mensurar se vai fazer efeito isso ou não, é então eu faço porque eu gosto e acredito nisso e agora, atualmente eu faço parte do PROEF que é o mestrado profissional aí da UNESP, também me deu up pra, pra continuar.
[13] PE – Sua formação inicial te preparou para uma boa atuação docente?
[14] P3- Eu acredito que a formação inicial ela te dá a base, mas você não pode parar por aí, porque a experiência do dia a dia acaba te despertando a curiosidade para continuar estudando né, afinal no meu caso eu posso dizer que sou um eterno aprendiz, a prática diária ensina muito mais do que a teoria que a gente vê na faculdade né, ou talvez ela dê um maior significado aquilo que você aprende, você vê ali na prática, mas sem ela não tem sentido. Por isso, a práxis pedagógica né, deve andar de mãos dadas, só que assim, eu só aprendi isso com o tempo, então assim a formação inicial te dá a base, mas a formação continuada é que, que você vai é fazer dar um sentido na sua profissão você buscar respostas que antes você não tinha.
[15] PE – Então você já fez formação continuada?
[16] P3 – Logo quando eu me formei eu fiz Pedagogia porque eu trabalhei bastante na Educação Infantil e também fiz uma pós em Psicomotricidade também por esse motivo, e atualmente né, como eu já falei em questões anteriores, eu faço parte do PROEF que é o mestrado profissional aí da UNESP Bauru.
[17] PE – E você conhece algum professor que abandonou a profissão logo no início da carreira?
[18] P3 – Eu não me recordo de ninguém que começou e acabou abandonando a profissão, mas assim, eu conheço vários que são formados e nunca começaram, é a minha turma, por exemplo, né, que se formou em 2014, eram 27 alunos e apenas 4 atualmente estão nas escolas.
[19] PE – E você já pensou em abandonar a carreira docente? Por quê?
[20] P3 – Eu nunca pensei em abandonar a profissão porque eu sempre tive a convicção do que eu queria, agora atuando né, mais ainda eu tenho a certeza, só tenho um receio de chegar no final da carreira, próximo da aposentadoria, e fazer o que a maioria, o que eu vejo atualmente, os colegas da profissão fazem né, o rola bola.
[21] Se fosse possível escolher uma nova área de atuação, você ainda seria professor de Educação Física?
[22] P3 – Eu to satisfeito em ser professor, então, assim, não penso em outra profissão, porque eu gosto disso que eu faço, valeu.

Siglas:
PE: pesquisador
P4: professor quatro

Entrevista com o professor 4 – Gravação 04 - 03/09/2018 (11h10min – 11h21min).

[1] PE – Eu gostaria de perguntar para você o que significa ser professor, na sua opinião?
[2] P4 – Olha, pra mim ser professor significa dar uma oportunidade a mais pra quem está chegando pra, na vida pessoal mesmo das pessoas, dos alunos, dá conhecimento, trazer conhecimento pra eles.
[3] PE – E pro professor qual a importância da Educação Física, assim, na formação dos alunos?
[4] P4 – No meu modo de ver a Educação Física tá ligado com todas as áreas, na saúde, da recreação, e não é, antigamente as pessoas, os alunos só tinham a ideia de jogar futebol na Educação Física, hoje isso já mudou, não é só parte a parte esportiva tem também a parte na teoria mesmo, como corpo humano, posicionamento, todos, mudou bastante, não é mais só ligado ao futebol, vôlei, abrange todas as áreas, como a dança, esportes como o que agente nunca via antes na educação física hoje nós temos aqui, então, é gratificante.
[5] PE – E em sua opinião, como a sociedade, os pais, os alunos, os gestores, os colegas de profissão, a própria família, compreendem a Educação Física Escolar? Essa visão da sociedade te desmotiva ou motiva de alguma maneira?
[6] P4 – Desmotiva um pouco, tanto, eu acho que é mais... não é nem tanto da sociedade, mas eu acho que como a Educação Física vem sendo tratada pelos nossos superiores, pelo governo, pelas diretorias, eles... não estão valorizando mais o profissional, cada vez menos estão tirando isso dos alunos, essa prática dos alunos né, é por "n" motivos, hoje a dificuldade em materiais, em espaço físico, é complicado você trabalhar com aluno, por mais que você tenha novas ideias, novas metas novas, é pra trazer isso para o aluno é ta focado pelos fatores, não tem material de apoio, não tem estrutura, e estão tirando cada vez mais isso, as aulas dos alunos.
[7] PE – E pro professor, quais são as maiores dificuldades em ser professor em geral atualmente?
[8] P4 – Eu acho que essa falta mesmo de estrutura, de material, e infelizmente também os próprios alunos eles estão desinteressados hoje, antigamente você tinha, vocês não viam a hora de ter a aula de Educação Física, você queria praticar algum esporte, fazer alguma atividade tal, pra espairecer um pouco a cabeça e pra ter algum, alguma atividade, algum movimento na aula, algum momento de lazer né, hoje já não, hoje os alunos tem bem muito desinteresses na Educação Física, antigamente era das outras matérias básicas, Português, eles não se interessavam muito, hoje, além dessas a Educação Física também não é o ponto forte mais deles não.
[9] PE – E suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente? Assim, o seu dia a dia te desmotiva de alguma forma?
[10] P4 – Me desmotiva, to bem desmotivado com a área, tanto que eu comecei a fazer uma outra faculdade, porque eu não sei se é mais o que eu quero pra mim, se eu quero seguir mais em frente com a Educação Física, ta bem desmotivante por esses "n" motivos que eu falei, falta de material, falta de estrutura, é cada vez... não tem mais aulas, é você termina... você mal terminou um ano letivo, você já ta preocupado com o que vai acontecer no próximo ano letivo, se você vai ter aula, se você vai ter emprego para trabalhar, é desmotivante.
[11] PE – E sobre motivações, você tem alguma motivação para permanecer na área?
[12] P4 – Hoje, eu digo que um motivo para permanecer na área é o financeiro, eu não dou aula em academia, não gosto, não me formei em bacharel, um motivo que eu tenho, por mais difícil que esteja todo dia cinco o meu pagamento está lá, é o único motivo que eu tenho em dar aula, pela segurança financeira, até o final do ano eu sei que eu tenho essa garantia financeira, eu não sei o ano que vem.

[13] PE – Sua formação inicial, você acha que te preparou totalmente para boa atuação docente ou ficou faltando alguma coisa?
[14] P4 – Não, foi uma preparação legal até, foi bacana, eu acho que eu estava preparado, claro de primeiro imediato senti aquele frio na barriga, na prática é outra coisa que na teoria, você enfrentar uma sala de alunos com, ali na faculdade você está com pessoas da sua idade conversando e tal, é diferente você chegar em uma sala de aula com pessoas menores, com 40, 50 alunos em uma sala de aula, chega a assustar, mas foi legal, tive uma bagagem legal.
[15] PE – E você chegou a fazer alguma formação continuada que te ajudou nesse início?
[16] P4 – Sim, durante a faculdade fiz vários cursos, logo depois que eu terminei a faculdade, um ano mais ou menos eu fiz uma pós-graduação já voltada para o lazer e a recreação que é uma área que eu gosto bastante, então eu acho que me deu bastante bagagem também.
[17] PE – E você conhece algum outro professor que abandonou a profissão logo no início da carreira? E no caso positivo se você sabe os motivos?
[18] P4 – Conheço sim, tem vários amigos meus que fizeram a faculdade comigo e não estão na área, não lecionam em escolas, outros foram para a área de academia porque dizem que a escola não é... por esses vários motivos tal que eles tem, que não gostam mesmo e outros pelo financeiro mesmo, abandonaram a carreira pra partir para outra área porque o financeiro é maior em outra área, então, e a dificuldade de você estar entrando em uma escola hoje é difícil, não existem concursos, não existe aulas mais pra dar, quem já tem a sua aula, já esta no Estado e não tem aula sobrando de Educação Física, então você tem que se submeter a ficar como eventual em uma sala de aula, ser formado em Educação Física e ter que dar aula de Química, Física, Matemática, Inglês, falta oportunidades de emprego.
[19] PE – E você já chegou a pensar em abandonar a carreira então, Por quê?
[20] P4 – Já pensei como eu disse né, estou fazendo outra faculdade já, porque eu penso... porque eu não sei o que vai ser amanhã, a gente dorme hoje, a gente sabe que hoje a gente tem emprego, mas o ano que vem eu não sei como vai ser, não tem mais segurança nenhuma, a única segurança que você sabe que no dia do seu pagamento vai tar ali o seu pagamento pronto, mas diferente de uma academia, que infelizmente se eles precisarem te mandar embora amanhã eles já te mandam sem nada, mas eu pretendo mesmo sair da área, eu não digo da área totalmente, acho que da área de escola sim, eu pretendo continuar trabalhando com recreação, com essa área, mas fora de escola.
[21] PE – E se fosse possível escolher uma nova área de atuação, você ainda seria professor de Educação Física ou mudaria?
[22] P4 – Eu acho que eu seria professor de Educação Física, mas não em escola, como eu to fazendo minha outra faculdade que eu estou fazendo agora de turismo, eu pretendo trabalhar com a recreação em hotéis, nesta área mesmo, é na área de Educação Física, mas não como professor de escola mesmo, remuneração é muito maior, e te dá prazer, porque daí realmente é quem quer fazer, quem quer praticar, quem quer estar naquele momento, porque hoje as pessoas infelizmente na escola são obrigadas a vir.
[23] PE – E tem alguma outra questão que você acha pertinente, interessante destacar, esses fatores que motivam ou desmotivam, no início da carreira?
[24] P4 – Olha o que motiva pra mim é como eu falei, é o infelizmente o financeiro, e o que desmotiva são "n" problemas que agente tem ai, falta de interesse dos alunos, dos nossos superiores como eu já citei, falta de materiais, material de apoio, é muita cobrança e pouca, pouco retorno, pouco, como que eu vou te falar, pouca, eles não te fornecem conhecimento, o próprio Estado eles não te dão, não te dão nada, não te dão um norteio para você seguir a sua aula, não te facilitam com isso.

Siglas:
PE: Pesquisador
P5: professora cinco

Entrevista com a professora 5 – Gravação 05 - 04/09/2018 (15h08min – 15h23min).

[1] PE - Primeiro eu gostaria de saber com a professora o que significa é ser professor pra você?
[2] P5 – Ah, pra mim, tipo assim, hoje em dia é muito difícil, mas é muito gratificante também porque tem o retorno né, tem os mals e tem... tem os bens e tem os contras, mas pra mim é bem gratificante ser professor, eu gosto de ser professora, é a profissão eu que escolhi, que eu quero seguir e aposentar.
[3] PE – E pra professora, qual que é a importância da Educação Física na formação dos alunos?
[4] P5- Ah, eu acho que é muito importante né, trabalha o corpo inteiro, trabalha expressão, trabalha é... cognitivo, eu acho que a Educação Física hoje pra formação dos alunos é de total importância, é tudo assim, trabalha em geral o corpo e eles gostam muito né, eu acho que de todas é matéria que eles mais gostam assim, bem gratificante estar aqui.
[5] PE – E pra professora, na opinião da professora, como a sociedade, os pais, os alunos, gestores, colegas de profissão, a própria família compreendem a Educação Física Escolar? E se essa visão te desmotivam de alguma maneira?
[6] P5 – Então, é ..., muitos tem uma visão muito assim que a Educação Física é só jogar futebol, só futebol e mais nada. Não é né. Tem muitos que quando eu comecei aqui dar aula, eles viam a Educação Física como só jogar futebol e como eu dava aula e trazia o recreativo, os jogos, as brincadeiras, eles tiveram outra visão da Educação Física, eles começaram a ver que a Educação Física não era só jogar bola e os alunos também. Assim, alguns tinham muito resistência, eles: - "Ah, não vai ter futebol hoje"? "Ah, eu não quero brincar disso". Só que assim, eu fui insistindo, insistindo até que eles, tipo assim, eu consegui modificar muito essa visão deles de quê a Educação Física era só jogar futebol. Hoje em dia eles fazem recreação, eles jogam, eles brincam, eles até pedem muitas vezes pra fazer as brincadeiras que a gente, que foi esquecida com o tempo né, e qual que é a outra?
[7] PE – Se te desmotiva de alguma maneira a visão da sociedade?
[8] P5 – Não, não. Quando eu comecei a Educação Física, quando eu fiz a faculdade, eu sabia o que eu ia enfrentar. Porque os meus professores, eles avisaram, eles falaram que não era fácil, que era difícil, que eles tinham, hoje em dia, eles tinham uma visão, muito assim, só jogar futsal, futebol. E eu sabia o que eu ia enfrentar, mas eu sempre fui assim: - "Não, hoje não". Ou eu trabalhava na base de troca: "Não, vocês fazem essa atividade que depois eu dou 10 minutinhos de futsal". Então funcionava, eles gostavam muito e aceitavam bem.
[9] PE –E para professora quais são as maiores dificuldades em ser professora atualmente?
[10] P5 – É assim o ...é difícil porque você tem que trabalhar de manhã, a tarde e a noite, pra você ter um bom salário, não é fácil, tipo assim, se você não é efetivo, você seguiu a carreira de professor e dar aula em escola, e você não é efetivo, vocês não tem tanto beneficio. Mas, assim, se você conseguiu passar em um concurso, estudar pra isso é você consegue sim ter um retorno, eu gosto do que eu faço, então e difícil essa pergunta pra mim, porque eu não reclamo não, eu gosto do que eu faço, apesar de ganhar pouco, ter que trabalhar desde a seis da manhã até às onze da noite, mas pra mim eu dou aula pros pequenininhos, na escola privada, no colégio Batista e quando eles me veem, me abraçam: - "O tia, tia"; a hora que eles me veem, pra mim já paga tudo os dias ruins.
[11] PE – E pra professora tem alguma ou suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente?

[12] P5 – Não, assim, tem hora que, eu não vou mentir, te desanima, tem acontecimentos que às vezes você fala: - "Nossa, será que eu devo continuar"? Mas, é tipo assim, quando você faz o que você gosta, eu acho que você escolheu isso, você na hora de você ir lá, prestar fazer a faculdade, você escolheu, você optou por isso. Então, você também, tipo assim, ter consciência de que você aceitou isso e continuar. Eu procuro não ficar desmotivada, mas tem hora que desanima sim, mas a gente vira e toca a bola pra frente.

[13] PE – E para professora, quais são suas motivações para permanecer na área?

[14] P5 – Então, é como eu te falei, como eu dou aula pros pequenininhos eu gosto muito de dar aula pra eles. Por quê? Um sorriso, um tia, eles chegam: "O tia, o tia, eu te amo". E é gostoso você ouvir isso: - "Aí tia, eu adoro suas aulas, vamos brincar disso, vamos brincar daquilo"? Isso incentiva a gente a prosseguir também, entendeu? Eu acho que o sorriso deles, a alegria quando eles veem. Os adolescentes não, eles já são mais fechados. Mas, se você dar aula pra Educação Infantil e Fundamental I é bem gratificante é um retorno bem assim, o carinho deles é bem legal.

[15] PE - E para professora a sua formação inicial te preparou para uma boa atuação docente?

[16] P5 – Preparou sim, mas a realidade, como eu te falei, é totalmente diferente, a hora que você chega na sala de aula pela primeira vez, encara uma sala de 40 alunos te olhando dá um friozinho na barriga. Mas, preparou sim, porque meus professores foram ótimos, é... eu tive aula com o professor André, professor André Cape, lá na Unip e ele era bem realidade mesmo, ele gostava de trabalhar a realidade com a gente. Então, tipo, não fugia muito do que a gente era acostumado, mas na hora que a gente chega sim, dá daquele baque é um friozinho na barriga, assim. Mas, é gostoso.

[17] PE – E você já fez alguma formação continuada? E ela chegara a te ajudar nesse início de carreira?

[18] P5 – Não, no início da carreira eu não fiz nada. Eu me formei em Educação Física, primeiro Licenciatura depois o Bacharel, aí quando eu me formei na Licenciatura eu já comecei a dar aula aqui no Josepha e continuei a fazendo Bacharel. Mas, Bacharel eu não continuei assim, não exerço; eu não gosto de academia porque eu acho que não vale a pena financeiramente. Mas, aí depois que eu entrei aqui no Josepha, um ano depois eu fiz Matemática, terminei já; tô fazendo Pedagogia e pretendo fazer o curso de Artes. Mas, nada relacionado à Educação Física assim, não fiz nada complementar tá, ainda. Mas, pretendo quem sabe. É que assim, quando você está na área dando aula, você precisa fazer outras licenciaturas pra você pegar várias aulas, entendeu? Porque a Educação Física, são poucas aulas e muitos né, cada vez mais então cada vez mais profissionais se formando né; então, fica mais difícil você conseguir pegar, é. Então, é difícil isso porque é... você tem que passar no concurso e entrar em uma escola boa; só que na região não tem né, você tem que ir para São Paulo.

[19] PE – E a professora conhece algum professor que abandou a profissão logo no início da carreira? E, se sim, quais foram os motivos?

[20] P5 - Sim, então, eu conheço a Aline; ela fazia, quando eu comecei na faculdade ela já estava, eu acho, no segundo ou terceiro ano da faculdade na mesma faculdade que eu e o Gustavo começamos. E aí ela terminou a faculdade, ela não exerceu a profissão e depois de um ano ela entrou no Estado exerceu a profissão, aí ela foi continuou e esse ano ela não conseguiu pegar aula, porque nós que somos categoria O, a gente tem contrato e a cada dois anos vence o contrato e o governo renova se ele quer, se ele não achar que não tem aula livre, que eles falam, eles não renovam o contrato; e ela não conseguiu essa renovação do contrato, então ela tá trabalhando em outra área, não tá trabalhando na Educação Física, ela tá trabalhando em salão de bordado.

[21] PE – E a professora já pensou em abandonar a carreira docente? Acaso sim, por quê?

[22] P5 – Não, eu nunca pensei, desde quando eu me formei, eu entrei na escola e pretendo continuar. Se não for na área de Educação Física vai ser em outra área. Mas, abandonar a carreira de professor não.

[23] PE – E se fosse possível escolher uma nova área de atuação, a professora ainda seria professor de Educação Física?
[24] P5 – Seria sim. Eu acho que a minha primeira opção sempre foi Educação Física, sempre quis essa área por gostar muito de atividade física, sempre fiz atividade física, sempre pratiquei esporte e sempre optei, a minha primeira opção sempre foi Educação Física; mas, se um dia não tiver mais aulas de Educação Física eu faço outra faculdade e vou trabalhar, por exemplo, dar aula de Matemática, de Artes, do que tiver, porque já sou, a gente já é professor eventual já dá aula do que vem né, de tudo; mas, Educação Física sempre foi a minha primeira opção.

Siglas:
PE: Pesquisador
P6: Professora seis

Entrevista com a professora 6 – Gravação 06 - 05/09/2018 (10h46min – 11h04min).

[1] PE – Eu gostaria de saber com a professora o que significa ser professor para você?
[2] P6 – A profissão de professor pra mim foi uma coisa que eu descobri ao longo da minha vida que até então, quando eu era mais jovem, eu não queria ser professora; aí com o tempo eu fui descobrindo, conhecendo professores de Educação Física que me inspirou e foi através da inspiração de professores que eu tive que eu tive a vontade de ser professor. Então, pra mim hoje é a minha vida, professor é a minha vida.
[3] PE – E pra professora qual que é a importância da Educação Física na formação dos alunos?
[4] P6 – Pra mim é de extrema importância, sem um professor de Educação Física as pessoas não tem consciência corporal, consciência do que ela pode ser de onde ela pode chegar, é de extrema importância; e também acaba descobrindo um pouco mais de si dentro da área de Educação Física, é uma, assim como outras as matérias, é uma matéria bem importante para a vida e formação do cidadão como pessoa, caráter e tudo mais.
[5] PE – E, em sua opinião, como a sociedade, os pais, os alunos, os gestores, os colegas de profissão a própria família compreendem a Educação Física? E se essa visão te desmotiva ou motiva de alguma maneira?
[6] P6 – Acho que Educação Física hoje dentro das escolas tão, não tá muito bem vista porque é... tão todos habituado a fazer algumas coisas que fazem na rua e acaba trazendo isso pro ambiente escolar; então o professor tem que se virar ali naquele momento pra conseguir passar o que é necessário, o que tá na nossa cartilha para passar durante o ano e desmotiva um pouco porque você sente muito pouco o retorno dos alunos para você. Então, assim, a cada dia que você acorda para fazer o seu trabalho você tem que falar: - "Eu vou até o fim"; porque se depender de respostas de aluno você para naquele dia e no dia seguinte não, não acorda mais para fazer o que você precisa fazer. Então, assim, é uma motivação pessoal é o seu desejo é a sua vontade porque se depender do restante você não, você para ali e não continua mais.
[7] PE – E professora, quais as maiores dificuldades em ser professor atualmente?
[8] P6 – O desinteresse dos alunos né, que pouco se interessa nessa questão das aulas, não só de Educação Física, em geral, e aquilo que eu falei numa das perguntas é... você tem que motivar pra tá onde tá hoje porque se depender de motivação dos seus alunos você não continua, você para.
[9] PE- E suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente?
[10] P6 – É... não me desmotiva porque é uma coisa que eu amo fazer; Educação Física é minha vida eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa, apesar de todas as dificuldades a luta diária, eu não consigo me imaginar em outro, em outro campo; às vezes a gente tenta melhorar né, mas fazer... desistir não, mudar de profissão não também. A coisa que eu mais amo na minha vida é Educação Física.
[11] PE – E quais são suas motivações para permanecer na área?

[12] P6 - Uma delas é o amor né, pela profissão, e às vezes a gente não vê retorno, vamos dizer assim, na prática, dentro das vivências, dentro daquilo que a Educação Física traz para as pessoas. Mas, o retorno muito grande de carinho dos alunos que tem com você, o respeito, isso faz você querer ir além de, de... de se doar mais também a profissão; isso é uma das coisas que é importante pra mim, pra continuar na atuação, continuar na luta, no dia a dia, isso me motiva bastante.

[13] PE – E sua formação inicial te preparou para uma boa atuação docente?

[14] P6 –O básico eu, eu tive sim, mas o restante das coisas a gente aprende só no dia a dia mesmo; é... trabalhando, vivendo pra você ter mais conhecimento e adquirir tudo que você precisa pra trabalhar dentro da Educação Física, porque a faculdade dá um, um caminho muito amplo pra você né, só que quando você entra dentro de uma escola ou dentro de alguma outra área de atuação, se você não buscar também o seu conhecimento, como que você tem que agir, você não consegue fazer as coisas que você tem que fazer no dia a dia; mas o básico, o entendimento inicial do que a gente precisa ter eu, eu tive sim, dentro da faculdade.

[15] PE – E a professora já fez alguma formação continuada? Elas te ajudaram nesse início de carreira?

[16] P6 – Eu não fiz nenhuma formação né, eu tenho bastante cursos por conta de um lugar que eu já trabalhei que disponibilizava esses cursos pra gente. Agora, uma outra formação especializada na área da educação eu não tenho, só tenho a Educação Física mesmo.

[17] PE – E a professora conhece algum professor que abandonou a profissão logo no início da carreira? E, em caso positivo, quais foram os motivos?

[18] P6 – Conheço sim. Alguns desistiram porque não conseguiam emprego na área, outros por falta de vontade e outros porque quando saiu da faculdade teve problemas familiares, esse, em questão, a mulher dele engravidou e como ele tinha acabado de sair da faculdade, não tem como você ficar esperando um emprego, você tem que sair e arrumar um emprego, foi onde ele abandonou e não voltou até hoje na profissão, tá trabalhando em outra coisa até hoje, é formado em Educação Física, mas nunca atuou como professor.

[19] PE – E a professora já chegou a pensar em abandonar a carreira docente? E, se sim, por quê?

[20] P6 – Eu já pensei sim, mas foi quando eu acabei me machucando no trabalho né, eu tive que fazer uma cirurgia no joelho e no meu momento de recuperação eu estava desmotivada; então foi onde eu falei: - "Eu vou abandonar tudo, porque eu não vou ficar do jeito que eu era antes, vou desistir"; mas aí foi indo com calma, eu também me entendendo e consegui; e tô aqui até hoje.

[21] PE – E se fosse possível escolher uma nova área de atuação, você ainda seria professora de Educação Física?

[22] P6 - Sim, seria sim. Como eu disse também no início, eu não me vejo fazendo outra profissão, tudo o que eu trabalhei até hoje foi dentro da área de Educação Física, então eu não consigo me imaginar em outro lugar, trabalhando de outra forma é o que eu amo fazer mesmo.

Siglas:
PE: Pesquisador
P7: Professor sete

Entrevista com o professor 7 – Gravação 07 - 09/09/2018 (12h57min – 13h07min).

[1] PE – O que significa ser professor para você?

[2] P7 – Ser professor pra mim é muito mais que uma simples profissão, é ensinar, é educar, transmitir conhecimentos, fazer por amor né, ser professor é você ter amor naquilo que você faz.

[3] PE – E para o professor, qual a importância da Educação Física na formação dos alunos?

[4] P7 – A importância da Educação Física pra formação do aluno é muito ampla né, desde o social até do esporte, coletividade, na educação de seguir regras, na formação de valores, no contexto que você... nos jogos mesmo que você não ganha nada sozinho, além da melhoria da capacidade física, do condicionamento físico, e além de você poder sair daquele contexto da aula né, se torna recreativo, transforma... deixa os alunos felizes, a Educação Física transforma os alunos mais felizes no cotidiano deles.

[5] PE - E na opinião do professor, como a sociedade, pais, alunos, colegas de profissão, a sua própria família compreendem a Educação Física Escolar? E isso te desmotiva de alguma maneira?

[6] P7 – Infelizmente a Educação Física ainda tem uma visão muito ruim sobre a sociedade né, muitos pais, até mesmo os próprios docentes meus amigos de trabalho, os outros professores, tem uma critica muito grande sobre a Educação Física, porque pensam que é só diversão, mas não é só diversão, eles pensam que é só jogar bola e pronto, mas não né, a Educação Física tem um contexto muito amplo. Nunca desmotivou, já fiquei chateado sim, já fiquei magoado por algumas situações, mas desmotivar nunca... não.

[7] PE – E quais são as maiores dificuldades em ser professor atualmente?

[8] P7 – Uma das maiores dificuldade pra mim em ser professor foi, às vezes a falta de interesse do aluno, dependendo a faixa etária, Ensino Médio mesmo, adolescentes eles não gostam, até pela questão da sexualidade, eles vão amadurecendo eles não querem se sujar, mas também pela falta de material, às vezes você chega numa escola, você se depara pela grande falta do material para você trabalhar, não tem bolas, não tem cordas, não tem um equipamento necessário para você fazer uma aula melhor né.

[9] PE – E as suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente?

[10] P7 – Não, não desmotivaram, minhas vivências não desmotivaram, agente sempre quer melhorar, sempre... às vezes não da certo uma aula, você tem que tentar melhorar pra conduzir os alunos para melhor fase deles, temos que melhorar, simples assim.

[11] PE – E quais são suas motivações para permanecer na área?

[12] P7 – Minhas grandes motivações são os próprios alunos, quando você chega na classe de aula, professor de Educação Física eles adoram o professor de Educação Física, você chega eles te abraçam, te beijão, esse são meus grandes motivos né, a esperança de que tudo vai melhorar, e que os alunos... os próprios alunos mesmo te motivam a fazer, tem os ruins, tem os bons, mas principalmente no infantil e no fundamental um o amor das crianças é fantástico, fantástico mesmo, o abraço deles salva todo mundo.

[13] PE – E sua formação inicial te preparou para uma boa atuação docente?

[14] P7 – Minha formação inicial me deu uma base, eu tive que procurar muito por fora, eu tive que ler muitos livros pra ter uma aula melhor né, a formação inicial da uma base pra você, mas você tem que procurar por fora.

[15] PE – E você já fez alguma formação continuada? Elas te ajudaram nesse início da carreira?

[16] P7 – Sim, minhas especializações me ajudaram muito, muito mesmo na minha carreira.

[17] PE – E o professor já pensou em abandonar a carreira docente? Por quê?

[18] P7 – Nunca pensei em abandonar minha carreira, é o que eu amo, é o que eu faço de melhor na minha vida, é o que eu amo fazer, mesmo com todas as dificuldades.

[19] PE – E você conhece algum professor que abandonou a profissão logo no início da carreira? Se sim, quais foram os motivos?

[20] P7 – Não conheço nenhum professor que abandonou a carreira, no início não, muitas reclamações né, de dar aula ser difícil, mas nunca abandonaram não.

[21] PE – E se fosse possível escolher uma nova área de atuação, você ainda seria professor de Educação Física?

[22] P7 – Nunca trocaria a Educação Física, vou me aposentar nela.

Siglas:
PE: Pesquisador
P8: Professora oito

Entrevista com a professora 8 – Gravação 08 - 10/09/2018 (12h24min – 13h03min).

[1] PE – O que significa ser professora para você?
[2] P8 – Professor eu acredito que é muito mais que exercer uma profissão, exige muito esforço, preparo, conhecimento, dedicação e requer muito compromisso e comprometimento também, e além de tudo é você ser pai, mãe, psicólogo, ser tudo isso.
[3] PE – E pra professora, qual a importância da Educação Física na formação dos alunos?
[4] P8 – A Educação Física promove o desenvolvimento integral do aluno, e a vida saudável, a socialização, o espírito de equipe, e a prática do desporto né, no caso o esporte, e ela é muito importante para a formação do aluno como um cidadão.
[5] PE – E na opinião da professora, como a sociedade, os pais, os alunos, os gestores, os colegas de profissão, a sua própria família, compreendem a Educação Física Escolar? E se essa visão te desmotiva de alguma maneira?
[6] P8 – Eu acredito que muitos pais ou responsáveis, eles tem uma visão contrário do que é a Educação Física, pois eles acham que é só brincar, que os alunos vão fazer o que querem, isso me desmotiva muito mesmo, pois desvaloriza a nossa profissão né, e é onde a Educação Física vai sendo desvalorizada, eles vão achando que é uma matéria como um nada sabe, eles dão mais importância pra Português, Matemática, Ciências, Geografia, umas matérias assim do que a Educação Física, mas a Educação Física é muito importante na vida deles né.
[7] PE – E para a professora, quais são as maiores dificuldades em ser professor atualmente?
[8] P8 – Eu acredito que seja o desinteresse dos alunos, por eles acharem que a aula de Educação Física é uma recreação, eles só pedem pra jogar bola, eu acredito que está sendo difícil por isso, o desinteresse, os pais que acham que é uma atividade qualquer, que não tem tanta importância quanto as outras matérias, eu acho que é isso memo.
[9] PE – E suas vivências te desmotivam a continuar na carreira docente?
[10] P8 – Infelizmente sim, pois tem dia que eu chego aqui, eu preparo a aula, fico o final de semana todo preparando a aula, ai os alunos não dão a mínima importância pra aula, porque eles ficam desinteressados, eles querem jogar o que eles querem, brincar do que eles querem, então isso me desmotiva muito.
[11] PE – E quais são suas motivações para permanecer na área?
[12] P8 – A minha maior motivação é amar muito o que eu faço, e também quando nós chegamos na escola, que nem nós profissionais de Educação Física chegamos na escola os alunos vem abraça, conversa com a professora, pede como que tá, da beijinho, isso é o que motiva mais, né, então é isso, eu gosto muito do que eu faço, por mais que existam muitas dificuldades né, mais eu amo o que eu faço.
[13] PE – E a formação inicial da professora, te preparou para uma boa atuação docente?
[14] P8 – Na realidade não, porque quando eu entrei para lecionar foi totalmente diferente do que eu aprendi na faculdade,e ai eu fui aprendendo na prática, no dia a dia, com outros professores que foram formados a mais tempo, que tem mais experiência, e ai eu fui buscando informações com eles, fui assistindo vídeo aulas de como estar ministrado aulas, mas falar que a faculdade mesmo me ensinou certinho, não, porque foi totalmente diferente do que eu pensava.
[15] PE – E a professora já fez alguma formação continuada? E eu gostaria de saber se elas te ajudaram no início da carreira?
[16] P8 – Sim, eu fiz uma pós em educação especial, e ela me ajudou muito porque conforme agente vai prestando processo seletivo ou concurso ela vai contando ponto,

então ela me ajudou muito nesse termo, mas eu não ministrei aula dessa minha pós, então foi só pra contar ponto mesmo.

[17] PE – E a professora conhece algum professor que abandonou a profissão logo no início da carreira? E em caso positivo, quais foram os motivos?

[18] P8 – Sim, conheço, tenho um amigo que ele se formou em Educação Física, e no primeiro dia que ele foi dar aula ele já viu que não era o que ele queria, que já era totalmente do que ele tinha estudado, e ele disse que não estava preparado pra isso, e ai ele desistiu né, e não seguiu a carreira, e hoje ele trabalha em outro setor né, mas ele não... ele abandonou no caso o diploma dele, ele falou que não queria dar aula não, que era bem diferente do que ele tinha estudado.

[19] PE - E a professora já pensou em abandonar a carreira docente? Por quê?

[20] **P8 -** Sinceramente sim, principalmente o começo do ano que eu não consegui passar no processo seletivo da minha cidade, foi muito difícil porque eu fiquei desempregada, eu até procurei outras... outros tipos de faculdade para estar fazendo na área da administração alguma coisa assim, mas eu pensei bem e graças a Deus no meio do ano eu consegui essas aulas aqui, mas muitas vezes eu já pensei m abandonar pela dificuldade né, da gente ingressar, da gente estar na educação.

[21] PE – E se fosse possível escolher uma nova área de atuação, você ainda seria professora de Educação Física?

[22] P8 – A, ai essa questão é de se pensar né, eu seria pelo fato de eu ama muito o que eu gosto, como eu te disse eu não venho para trabalhar, eu venho pra exercer o que eu gosto, o que eu amo fazer né, mas se por para escolher pelo termo de reconhecimento eu não faria mais a Educação Física, porque ela está sendo desvalorizada, tanto no salário como nós profissionais né, e é isso mesmo.